



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS

CELENE FARIAS DE SOUSA

Arraial dos Maranhenses: identidades e territorialidade de maranhenses na cidade de Boa Vista/RR.

BOA VISTA – RR

2018

CELENE FARIAS DE SOUSA

Arraial dos Maranhenses: identidades e territorialidade de maranhenses na cidade de Boa Vista/RR.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – PPGSOF, da Universidade Federal de Roraima, como Pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Fronteira.
Área de concentração: Sociedade e Fronteira na Amazônia. Linha de pesquisa II – Fronteiras e Processos Socioculturais
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Carla Monteiro de Souza

BOA VISTA – RR

2018

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

S725a Sousa, Celene Farias de Sousa.

Arraial dos Maranhenses: identidades e territorialidade de maranhenses na cidade de Boa Vista/RR / Celene Farias de Sousa. – Boa Vista, 2018.

100 f. : il.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Carla Monteiro de Souza.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira.

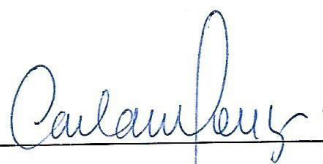
1 – Identidade. 2 – Arraial dos maranhenses. 3 – Territorialização. 3 – Tradição. I – Título. II – Souza, Carla Monteiro (orientadora).

CDU – 398.1

CELENE FARIAS DE SOUSA

**Arraial dos Maranhenses: identidades e territorialidade de
maranhenses na cidade de Boa Vista/RR.**

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade Fronteira, da Universidade Federal de Roraima. Área de concentração: Sociedade e Fronteira na Amazônia. Defendida em 07 de Março de 2018 e avaliada pela seguinte banca examinadora:



Prof^ª. Dr^ª. Carla Monteiro de Souza

Orientadora – UFRR.



Prof^ª Dr^ª Raimunda Gomes da Silva

Membro Externo – UERR.



Prof^º Dr. Antonio Tolrino de Rezende Veras

Membro Interno – UFRR.

*Às minhas bases sólidas, minhas
raízes, meu amparo,
Papai e mamãe,
Antonio Matias de Sousa e
Luciete Marques Farias,
Pelo amparo e exemplo de vida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, pelo carinho e apoio, que não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida. Mãe, seu cuidado e dedicação foi quem me deu, em alguns momentos, a esperança para continuar seguindo. Pai, sua presença constante significou segurança e certeza de que não estou sozinha nessa caminhada.

Aos meus amigos de turma e de vida, pelo incentivo e pelo apoio constante. As minhas amigas e amigos de mestrado, Luanna, Kezia e David, foram dois anos de muitas trocas de desesperos, mas ao mesmo tempo de muita troca de apoio, agradeço a cada um de vocês por ter essa experiência compartilhada. Com vocês, as pausas entre um parágrafo e outro de produção melhorava tudo o que tenho produzido na vida. E aos amigos de vida aos LITÚRGOS que alegravam meus dias durante essa escrita, foi maravilhoso ter conhecido vocês. E não podia deixar de citar são claro meus amigos de trabalho, Ronildo e Neuma, que ajudaram por demais, agradeço por serem presença e apoio constante. E não podia deixar de citar a pessoa que mais me encoraja nessa vida, desde a graduação e continua até agora, obrigada Amadinha por ser essa força na minha vida.

À Comunidade São Raimundo Nonato, pois todos foram essenciais para que eu chegasse até aqui, foram de suma importância, para essa construção. Agradeço a disponibilidade de cada pessoa que me concedeu entrevista e que me ajudou nesse processo.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim tanto na mesma localização geográfica como aqueles que estão próximos de coração, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena, amo cada uma de vocês Giselle, Sol e Rainny, mesmo longe vocês conseguiram estar presente. Giselle principalmente que me aguentou em sua casa, e me ajudou para que eu chegasse até aqui. Vocês tesouros em minha vida. Aqueles que estão perto obrigada por me ouvirem em cada reclamação vocês estão em meu coração Etevaldo e Mirian, vocês são meus amorzinhos.

A minha querida e amada Prof^ª. Dr^ª. Carla Monteiro. Só tenho muito que agradecer, por ter me acompanhado deste a graduação, e agora nessa nova caminhada, tendo sempre paciência e confiança ao longo desses dois anos. Eu posso dizer que a minha formação, inclusive pessoal, não teria sido a mesma sem a sua pessoa. É um prazer ter você em minha vida.

Agradeço ao mundo por mudar as coisas, por nunca fazê-las serem da mesma forma, pois assim não teríamos o que pesquisar, o que descobrir e o que fazer, pois dito isso conseguir concluir mais esta etapa.

Por fim, porém não menos importante, agradeço à Deus, pela forma e coragem durante esta caminhada.

*Quando eu me lembro,
Da minha bela mocidade.
Eu tinha tudo a vontade,
Brincando no boi de Axixá.
Eu ficava com você,
Naquela praia ensolarada,
E a tua pele bronzeada,
Eu começava a contemplar.*

*Mas é que o vento buliçoso balançava teus cabelos,
E eu ficava com ciúme do perfume ele tirar.
Mas quando o banzeiro quebrava,
Teu lindo rosto molhava,
E a gente se rolava na areia do mar.*

*(Trecho da música “Bela Mocidade”
Grupo Bumba-meu-boi de Axixá)*

RESUMO

A festa “O Maranhão é Aqui!” é realizada desde 2010, no mês de junho em homenagem a São João, e tem suas características baseadas na cultura popular e na tradição maranhense. Nossa pesquisa se fundamenta em grande parte nos relatos de migrantes que contam como se deu o processo de migração para o estado de Roraima, destacando também a organização da Festa, expondo os objetivos que desejam alcançar com ela. Também apontamos o processo de autoafirmação da identidade maranhense que ocorre com a realização festa e como pode se tornar uma apropriação territorial simbólica, através do processo de (re) (des) territorialização. Buscamos compreender tudo através da história e tradição maranhense para assim fazermos um panorama de como esses maranhenses buscaram suporte cultural e identitário para a organização da festa. Por tanto, nosso trabalho buscará através do uso da memória dos migrantes, destacando para o uso da memória de recordação, onde os migrantes fazem uma transmissão de suas lembranças e de suas tradições, através disso buscamos entender o processo que envolve essa identidade maranhense, e como ela se consolida na construção de uma identidade maranhense na cidade de Boa Vista/RR e uma marcação de territorialização simbólica pelos mesmos. Também usaremos tais fontes para entender como a cultura, a religião e a culinária, se fazem presentes na festa e quais os impactos e transformações que acontecem na cidade de Boa Vista quando tais elementos são expostos e como esses migrantes se veem na realização da festa.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Arraial dos maranhenses. Territorialização. Tradição.

ABSTRACT

The celebration "The Maranhão is Here!" is held from 2010, in the month of June in homage to Saint John, and has its characteristics based on Maranhão's popular culture and tradition. Our research is based largely on the reports of migrants that tell how the process of migration to the state of Roraima occurred, also highlighting the organization of the celebration, stating the goals they wish to achieve with it. We also point the process of self-assertion of the Maranhense identity that occurs with the accomplishment of events and how it can become an appropriate symbolic territorial form, through the process of reterritorialization. We look for everything in the history and tradition of Maranhão to give an overview of how these Maranhenses sought cultural and identity support for organizing the party. Therefore, our work will search, through the use of the memories of the migrants, standing out for the use of the recording memory, where the migrants make the transmission of their memories and their traditions, through this we seek to understand the process that involves this identity and how it is consolidated in the construction of the Maranhão identity in the city of Boa Vista / RR and a mark of symbolic territorialization by them. We also use these sources to understand how the culture, religion and cuisine are present at the celebration and what are the impacts and transformations that happen in the city of Boa Vista when the elements are exposed and how these migrants see themselves in the celebration.

KEYWORDS: Identity. Arraial of the maranhenses. Territorialization. Tradition.

LISTA DE FIGURA

Figura 1 – Convite da Festa do ano de 2010	61
Figura 2 – Convite da Festa do ano de 2011	63
Figura 3 – Convite da Festa do ano de 2012	65
Figura 4 – Convite da Festa do ano de 2013	67
Figura 5 – Convite da Festa do ano de 2014	68
Figura 6 – Convite da Festa do ano de 2015.....	69
Figura 7 – Convite da Festa do ano de 2016.....	70
Figura 8 – Convite da Festa do ano de 2016 com programação	71

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Radiola de reggae Trovão do Som.....	42
Foto 2 – Público da Festa em 2016	43
Foto 3 – Entrada da Festa em 2016	44
Foto 4 – Faixa de divulgação da Festa em 2013	44
Foto 5 – Fogueira em homenagem a São João	45
Foto 6 – Apresentação de bumba-meu-boi em 2014	46
Foto 7 – Barraca de comidas típicas	46
Foto 8 – Apresentação de Quadrilha em 2016	47
Foto 9 – Fascículo da Cartografia Social dos Maranhenses em 2015	50
Foto 10 – Barraca característica maranhense 2015	82
Foto 11 – Barraca característica maranhense 2015	82

SUMÁRIO

1. Introdução	12
2. Identidade, territorialidade e migração maranhense em Boa Vista/RR	20
2.1 Processo migratório dos maranhenses para Boa Vista.....	20
2.2 Identidade e o processo migratório.....	27
3. Maranhenses em Boa Vista/RR	36
3.1 Histórico da festa “O Maranhão é Aqui!”.....	36
3.2 História e tradição maranhense em Boa Vista/RR.....	51
4. A festa “O Maranhão é Aqui!”	57
4.1 Mudanças e permanências da festa nas festas nas setes edições da festa (2010-2016).....	57
4.2 Arraial dos maranhenses pelos maranhenses	73
5. Considerações Finais	87
6. Referências	91
Apêndices	98

1. INTRODUÇÃO

*“Quem é filho do Norte
É neto do Nordeste
[...]
Eu tenho um pé no Maranhão
Eu tenho mais eu tenho a mão”¹*

Ao ingressar na graduação em História, na Universidade Federal de Roraima, no ano de 2010, abriu-se um vasto horizonte e, na medida em que fui adentrando nos campos da História, mais pude encontrar aquilo que buscava.

No decorrer do curso, se abriu um leque de conhecimentos, tanto na área docente como na de pesquisa. E então se chega ao grande dilema, que é de todos desde o primeiro dia de aula na universidade, “sobre o que vou escrever?”. Cursei a disciplina de Projeto de Pesquisa, sabendo que queria desenvolver o meu trabalho conclusão de curso (TCC) sobre maranhenses, principalmente sobre migração.

Isso ficou mais forte em 2013, pelo fato de estar começando a me inserir no projeto de pesquisa Cartografia Social dos Maranhenses do Bairro Santa Luzia, subprojeto do Programa Nova Cartografia Social da Amazônia, realizado entre os anos de 2013 e 2014, e sediado no Instituto de Antropologia da Universidade Federal de Roraima.

E então, quando começamos os trabalhos do projeto, percebi que esta seria a temática da minha monografia. Conversei com o coordenador do projeto e pedi sua ajuda e sua anuência para que conjugasse minha participação como bolsista à minha pesquisa para o TCC. E foi neste contexto que cheguei ao recorte temático do meu trabalho, em meio as conversas com o coordenador e demais professores e com os participantes, os quais se tornaram colabores valiosos para minha pesquisa com suas entrevistas.

Saliento que foi impulsionada a escrever sobre os migrantes maranhenses principalmente pelo fato de que eu sou também maranhense, integro a Comunidade Católica São Raimundo Nonato, no bairro Santa Luzia, e faço parte da organização do Arraial dos Maranhenses desde seu início. Confesso que, como ouvi dos meus entrevistados, também cheguei a ouvir piadas pejorativas sobre maranhenses na academia, o que fortaleceu meu

¹ Trecho do poema “Neto do nordeste”, de Eliakin Rufino, que integra a coletânea *Cavalo Selvagem (Manaus: Valer, 2011)*, que também foi musicado.

desejo de evidenciar a cultura maranhense, mostrando a sua beleza e como ela vem sendo representada em Boa Vista/RR.

Sendo assim na monografia trabalhei *A valorização da identidade maranhense através da festa “O Maranhão é aqui!”*, comunidade São Raimundo Nonato, bairro Santa Luzia, Boa Vista/RR (2010-2013). Ao ingressar no mestrado em Sociedade e Fronteiras, em 2016, quis continuar a pesquisa no mesmo caminho, porém ampliando meu olhar, aprofundando minha perspectiva, examinando agora como essa Festa contribui no processo de (re)construção da identidade e na reterritorialização de maranhenses em Boa Vista.

Essa nova problematização de um objeto já conhecido, foi impulsionada por eu estar na organização do Arraial, desde sua primeira edição, e perceber o seu crescimento, tanto no quesito cultural – ao colocar em primeiro plano os elementos culturais e tradicionais maranhenses a cada edição – quanto no quesito material e físico, a ampliação do espaço, dos patrocinadores, o destaque na mídia e o aumento da participação das pessoas, maranhenses ou não.

Portanto, destaco que desde o primeiro diálogo com minha orientadora neste trabalho – que foi também do meu TCC – obtive o apoio que precisei, para organizar minhas ideias, para construir o arcabouço teórico e metodológico necessário para produzir esta pesquisa, para conseguir o devido distanciamento, imprescindível para o trabalho científico de qualidade.

Dito isso, apresento o meu trabalho!

As migrações dos nordestinos ocorridas durante as décadas de 1980 e 90 trouxeram para a cidade de Boa Vista um novo ordenamento demográfico, fazendo com que a cidade começasse a se expandir mais e a crescer de uma maneira “desenfreada”. Essas migrações foram ocasionadas principalmente pelos incentivos governamentais que estavam ocorrendo, pelo garimpo e a busca de melhores condições de vida.

Em nosso trabalho anterior (SOUSA, 2014), destacamos que existem dois tipos de migrações, as espontâneas e dirigidas, e que entre elas as motivações são variadas. Nas migrações para Roraima, observamos essas duas modalidades, assinalando que as suas motivações estavam geralmente ligadas à busca de melhores condições de vida, pois muitos que “aceitaram” os incentivos do governo para migrar e os vieram por conta própria viviam situações de exclusão, social e econômica, e viram em Roraima um lugar melhor para viver.

Perceberemos isso nas falas dos migrantes citadas ao longo do trabalho, entre elas destacamos a de Lindalva Magalhães, que diz: “viemos em busca de melhoras, porque lá não tínhamos condições, e mal dava para viver [...]”.²

Acreditamos que uma das melhores definições de migração encontra-se em Salim, por ressaltar a complexidade, as particularidades e especificidades dos deslocamentos populacionais. A migração, seria um “fenômeno complexo essencialmente social com determinações diversas” e, por conseguinte, “apresenta interações particulares com as heterogeneidades de uma formação histórico-social concreta”, tendendo “a assumir feições próprias, diferenciadas e com implicações distintas, para os indivíduos ou grupos sociais que a compõem e a caracterizam”. (1992, p.119).

Enfocando o estado de Roraima, observamos que a década de 1980 produziu uma nova configuração espacial para o então Território Federal de Roraima. Intensificam-se os incentivos à migração, com destaque para o período em que Ottomar de Souza Pinto foi governador (1979-1983). Segundo Santos, “os resultados destas políticas formam não só movimento para o interior em busca de lotes rurais, mas também de lotes urbanos e de vantagens de uma vida urbana, proporcionada pela capital” (2014, p.219). Baseando-nos em dados do IBGE, e nos dados dos censos seguintes, podemos afirmar que este processo produziu no estado³ e na sua capital mudanças espaciais e socioeconômicas visíveis.

Autores como Oliveira (2003), Souza e Silva (2006), Valle (2007), Veras (2007), Santos (2014) e Staevie (2015) ressaltam que nos períodos mais recentes, dois elementos sobressaem-se como atrativos para as migrações em Roraima, tais como a facilidade de acesso a terra, no meio rural e no urbano, e a ocorrência de garimpos. Essa dinâmica populacional das décadas de 1980 a 1990, influenciou de forma direta a configuração que a cidade de Boa Vista tem hoje. Com isso, a cidade que antes crescia a partir do núcleo da cidade planejada, agora estava crescendo em largas proporções principalmente para a Zona Oeste, onde se localiza o bairro Santa Luzia e a Comunidade Católica São Raimundo Nonato, que sedia o Arraial dos Maranhenses.

Cabe frisar que neste período os maranhenses se tornam o grupo migrante mais significativo em Roraima, como apontou a pesquisa de Nogueira (2011), sendo esse aumento creditado aos incentivos do governo e a chegada em grande número de uma população pobre e pouco qualificada profissionalmente. Isso acabou influenciando o surgimento de preconceitos para com os migrantes maranhenses, como os nossos entrevistados apontaram, fato que Silva destacou em sua pesquisa:

2 Trecho da fala durante o minicurso de Mapeamento Social de Populações vulneráveis, do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – Cartografia dos Maranhenses no Bairro Santa Luzia, 2013.

3 O Território Federal de Roraima passa a condição de estado da Federação em outubro de 1988.

Porém, os maranhenses em geral são de certa forma objetos de violência através de expressões preconceituosas. Eu mesma já vivenciei isto muitas vezes. Um fato recente aconteceu na semana passada quando fui almoçar num restaurante aqui na cidade e logo na entrada ouvi um senhor dizer assim: *“tem dois tipos de pessoas que eu não gosto, é preto e maranhense”*. (SILVA, 2012, p.12).

Salienta-se que esses migrantes que tiveram que se adaptar há uma nova cidade e conviver com outras pessoas e grupos sociais com costumes diferentes, ainda se viram alvo de preconceitos. As entrevistas mostraram que este preconceito além de ter raízes socioeconômicas, tem também raízes culturais, como, por exemplo, as referências pejorativas aos maranhenses oriundos da cidade de Codó, as quais se atribuiu o rótulo de “macumbeiros”, como observou a aludida pesquisa de Silva (2012).

A existência dessa situação de preconceito e estigmatização sofrida pelos maranhenses na cidade de Boa Vista, foi um dos motivos mais fortes para a criação do Arraial dos Maranhenses. Organizado por moradores do Bairro Santa Luzia, a partir de 2010, o Arraial tem como slogan “O Maranhão é aqui!”.

Neste contexto, o objetivo central dessa dissertação é compreender como o Arraial dos Maranhenses, que acontece no bairro Santa Luzia, em Boa Vista – RR, se configura como elemento de valorização da identidade e da cultura maranhense no processo de territorialização desses migrantes.

Os objetivos específicos são: averiguar e configurar a festa como estratégia identitária dos migrantes maranhenses, identificando os elementos culturais e como eles são apresentados no Arraial; observar a Festa como uma estratégia de identificação, caracterizando-a como um marcador de territorialidade e apontando o seu significado no processo de definição de um território maranhense em Boa Vista/RR.

Tendo em vista o que almejamos atingir, destacamos que o estudo dessa Festa vem se tornando um campo muito propício para a pesquisa, a medida em que é um objeto em constante construção. Seu estudo nos permite entender e compreender a formação de Boa Vista, por meio de uma discussão qualificada academicamente dos elementos que a constituem e que dão forma a sua identidade como cidade. Por outro lado, ao longo do tempo, a festa “O Maranhão é aqui!” foi ganhando repercussão, o que evidencia a valorização cultural deste numeroso grupo migrante na cidade, dando-lhe visibilidade.

Salienta-se que este tema vem se tornando um campo de grande interesse de estudo na academia, no que toca ao estudo dessa migração e da sua influência na formação sociocultural de Boa Vista e de Roraima. Isso se verifica nos vários trabalhos consolidados e em processo de construção que direta ou indiretamente abordam o Arraial dos Maranhenses, mas também

porque a Festa vem ganhando importância no panorama cultural da cidade – principalmente depois da sua 4ª edição, que ganhou mais repercussão na mídia local e patrocinadores – e tem emergido como um tema de interesse de pesquisa, sendo abordado em monografias, dissertações, teses.

Neste segundo aspecto, reside também a relevância social desta pesquisa, ao abordar as implicações materiais e simbólicas das migrações para a sociedade local. Ao discutir as raízes históricas e culturais que moldam os deslocamentos populacionais, ressalta o papel cada dia mais expressivo das interações provocadas por eles, fato que se coloca na ordem do dia, tendo em vista os deslocamentos populacionais mais recentes, como o de venezuelanos, por exemplo.

Neste aspecto, as noções de identidade e território definem a abordagem que fazemos do Arraial dos Maranhenses. Com relação a isso, ficamos atentos para ressaltar a relação dinâmica e complexa que existe entre identidade e pertencimento quando trabalhamos os processos migratórios. Neste aspecto, buscamos configurar o Arraial como uma estratégia de identificação (CUCHE, 2002) dos migrantes maranhenses moradores do bairro Santa Luzia. Isso porque a Festa se coloca como um marcador identitário que, por meio da manifestação das diferenças, dá visibilidade a este grupo social no contexto urbano de Boa Vista e de Roraima, como veremos principalmente nas entrevistas.

Identidade é um conceito chave para a construção e compreensão desta pesquisa. Sendo um conceito complexo, o uso do termo, conforme aponta Hall (2005), é cada vez mais frequente em algumas ciências. Nesse sentido, é necessário discutir suas implicações e significações e, para isso, encontramos apoio nos trabalhos de Hall (2011), Woodward (2011), Silva (2011) e Cuche (2002), este quando discute a relação entre cultura e identidade.

Buscamos configurar a Festa como um marco neste processo de inserção sociocultural dos maranhenses na cidade de Boa Vista, principalmente quando levamos em conta a situação de preconceito e estigma relatada nas entrevistas. Por outro lado, percebemos que as identidades se constroem e reconstroem em função das relações vividas pelos migrantes.

Segundo Cuche (2002, p.196), a identidade “é um motivo de lutas sociais de classificação que buscam a reprodução ou a reviravolta das relações de dominação” e se “constrói através das estratégias dos atores sociais”. Principalmente quando existem situações de preconceito e discriminação, como no caso aqui estudado.

Com a discussão da Festa, demonstramos que quando o migrante sai do Maranhão para Roraima não haveria uma “perda” de identidade, mas agregações, pois, como nos diz Hall, a

identidade não é única e está em permanente negociação. Neste sentido, Hall (2005, p.13) argumenta:

Há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”.

Deste modo, percebemos que a identidade está sempre em construção, em andamento, (re)construída ao longo do tempo. Como Hall (2005) afirma, uma identidade unificada e completa é uma fantasia. Do mesmo modo, ocorre com as relações de pertencimento e com os espaços e lugares que ocupamos no mundo

Assim é pertinente discutir a construção de um território maranhense em Boa Vista, que aqui é pensada a partir da concepção de que o território se constrói na “articulação de duas dimensões principais, uma material, político-econômica”, e “outra mais imaterial ou simbólica”, ligada “ao cultural e ao conjunto de símbolos e valores partilhados por um grupo social”. Ao estudarmos a festa “O Maranhão é Aqui!”, trazemos uma expressão dessa territorialidade, manifesta em sua dimensão simbólica, que visa construir um território, que “pode moldar identidades culturais” e ser “moldado por estas”, promovendo a coesão social deste grupo. (HAESBAERT, 2004, p.49).

Por outro lado, também partimos do que aponta Marandola Jr e Gallo, ou seja, “do entendimento de que a migração é em si um fenômeno geográfico que possui implicações territoriais e existenciais” (2009, p. 2). Assim, buscamos entender a Festa como um elemento na trajetória migrante de milhares de maranhenses que vivem em Boa Vista, e que, ao seu modo, promove a reflexão sobre a condição migrante, bem como sobre esta condição na sociedade de adoção.

Cabe então salientar que entendemos que o processo de construção e reconstrução de uma identidade e de uma territorialidade maranhense em Boa Vista, é mediado pela memória. Esta memória, individual e coletiva, está presente em todos os elementos que compõem o Arraial. Esta memória presente na Festa é seletiva e formatada também por esquecimentos, cuja abordagem tem como referências Candau (2011), Cuche (2002) e Pollack (1989; 1992).

Por isso, foram realizadas entrevistas com aqueles que participam em todas as edições, desde 2010. Essas entrevistas foram realizadas com quem partilha as etapas e tarefas de organização e realização, com os principais idealizadores e com as outras pessoas que ajudam na preparação e organização estrutural da festa. Para este fim, foi utilizada a metodologia da

História Oral na modalidade temática. Essas entrevistas foram realizadas com maiores de 18 anos, privilegiando os migrantes que já moram no estado a mais de 10 anos. No final desta dissertação, apresentamos uma lista que identifica os entrevistados e que oferece algumas informações adicionais sobre eles.

Sendo assim, na constituição do corpus documental desta pesquisa a metodologia da História Oral constituiu nossas fontes primárias. A História Oral é utilizada para estabelecer esclarecimento ou opinião acerca de algum assunto ou evento pelo entrevistado e, segundo Alberti, as fontes orais permitem acessar as “histórias dentro da História” (2005, p.155). Alessandro Portelli, explica melhor este aspecto, quando diz que as fontes orais “designam as múltiplas camadas da experiência”, apresentando-nos “referentes espaciais e temporais” e o que chama de “discurso multivocais” (2010, p.22-25), características que se mostram importantes quando nos propomos a discutir os significados que Arraial vem adquirindo para os maranhenses como indivíduos e como grupo social na cidade de Boa Vista.

Foram realizadas entrevistas não estruturadas, no ano de 2017, cuja dinâmica foi definida pelo perfil de cada entrevistado, contemplando os seguintes tópicos/eixos: como foi a sua migração; como é a sua participação no Arraial; qual a opinião sobre a Festa e a sua avaliação sobre seus efeitos e resultados. Estes temas foram apresentados de maneira informal, para que assim a conversação fosse mais confortável, garantindo uma maior liberdade para os entrevistados.

As exigências legais e éticas foram cumpridas, utilizando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e demais documentos de cessão de direitos de uso do conteúdo das gravações. Ressaltamos que esta pesquisa é um subprojeto ao projeto *História, Memórias e Migrações: dinâmica urbana de Boa Vista/RR a partir de 1943* (apoiado pelo Edital Universal – MCTI/CNPq Nº 14/2013), que já se encontra aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRR.

Cabe salientar que usamos também as entrevistas outros materiais produzidos durante a realização da Cartografia dos Maranhenses do Bairro Santa Luzia, que agradecemos a cessão das entrevistas. Destacamos que realizamos novas entrevistas com alguns dos participantes que foram entrevistados pela Cartografia, seguindo os parâmetros metodológicos mencionados acima. Também trabalhamos com imagens, sendo elas fotos e o material de divulgação das várias edições da Festa, boa parte delas do acervo pessoal de Celene Sousa. Com elas podemos perceber aspectos e elementos característicos da cultura maranhense e de que forma eles se articulam e se colocam como marcadores de identidade e de territorialidade na Festa.

Por outro lado, a minha vinculação à Festa, bem como à Comunidade Católica São Raimundo, como mencionado acima, me propicia o acesso e uma vivência da Festa na sua integralidade.

O trabalho se organiza em três capítulos. No primeiro, apresentamos um visão geral das migrações em Roraima. Destacamos o processo de migração dos maranhenses para Roraima e Boa Vista, fazendo apontamentos sobre o crescimento populacional da cidade, levando em consideração os fatores que fizeram com que os migrantes deixassem sua terra, destacando os incentivos e conjunturas que incidiram neste processo.

No segundo capítulo trabalhamos o migrante maranhense, sua identidade, cultura e tradição e como estão presentes na Festa. Apresentamos um histórico do Arraial dos Maranhenses, usando as falas dos migrantes que estão na sua organização, ressaltando os motivos para sua existência, manutenção e perenidade. Ainda aqui, trazemos uma discussão acerca do que se pode chamar de cultura maranhense, buscando compreender o processo de formação e construção dessa identidade regional, fazendo um histórico de como foi sendo moldada pela própria sociedade maranhense e como a mesma foi ganhando espaço.

No terceiro capítulo discutimos a Festa, apresentando os elementos que permanecem ao longo das edições e aqueles que, com o tempo, foram sendo secundarizados, por meio de uma análise dos convites que divulgam o Arraial. Observamos que alguns elementos vão adquirindo maior visibilidade e centralidade e, ao longo das edições, vão ficando mais fortes, tornando-se, assim, a “cara” da Festa. Por último, fazemos uma discussão dos significados que o Arraial tem para os próprios maranhenses, configurada através de seus relatos, opiniões e avaliações, o que os leva a realizar a Festa, porque continuam a fazê-la e o que ela simboliza para todos.

2. IDENTIDADE, TERRITORIALIDADE E A MIGRAÇÃO MARANHENSE EM BOAVISTA/RR.

O fenômeno migratório geralmente está relacionado a questões sociais, econômicas, políticas, etc. Destaco também que quem migra, migra em busca de melhores oportunidades seja de trabalho, seja de condições de vida. Na maioria dos casos os migrantes acabam gerando laços identitários com o novo local, deixando de lado parte de sua cultura e agregando a cultura do lugar em que passa a residir.

No presente trabalho, a articulação entre as noções de identidade, memória e territorialidade constitui-se como a espinha dorsal. Cabe ressaltar que a temática das migrações, há muito, tornou-se domínio da inter e da multidisciplinaridade, não obstante, alguns campos disciplinares oferecerem sólida experiência teórica e empírica que os tornam nossos interlocutores privilegiados. A seguir, apresentamos os fundamentos que nortearam as análises que constituirão os capítulos 2 e 3.

2.1 PROCESSO MIGRATÓRIO DOS MARANHENSES PARA BOA VISTA.

Salienta-se que a história da nação brasileira baseia-se fortemente no fenômeno migratório, desde a sua colonização, como nos diz Vale (2005, p. 37).

A histórica do Brasil está fortemente marcada pelo fenômeno da migração, desde o início pelo fator colonizador e mais recentemente pelo deslocamento interno, a partir do qual cada ciclo econômico trouxe consigo um fluxo migratório. É a partir de 1930 que as migrações internas começaram a desempenhar um papel de destaque na recomposição espacial da população. (Vale, 2005, p.37).

O quadro geográfico do Brasil foi composto por estas migrações internas, cuja abordagem geralmente se fundamenta na análise de fatores econômicos⁴. De modo amplo, pode-se dizer que muitos que migravam procuravam trabalho em setores ou em cidades mais desenvolvidos. Vale apresenta uma cronologia que configura os fluxos até a década de 1980:

[...] a migração até a década de 80 apresenta quatro características fundamentais: a primeira, expulsão das áreas tradicionais de migrações: Nordeste, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Santa Catarina; a segunda, migração para o núcleo industrial São Paulo – Rio de Janeiro, a partir de 1930. Em seguida, migração para a fronteira consolidada: Paraná, Maranhão, Goiás e Mato Grosso do Sul – nas décadas de 40, 50 e 60 e, por fim, a migração para a fronteira de expansão: Região Norte, como um todo, e Mato Grosso com início na década de 70. (Vale, 2005, p. 40).

4 Sobre isso ver: SALIM, 2016; VALE, 2014 (Capítulo 1); STAEVIE, 2014 (Capítulo 1).

Falando brevemente do processo histórico das migrações para a Amazônia, desde que os portugueses estabeleceram alguns pontos avançados de vigilância no meio natural da Amazônia, que cumpriam também função burocrática de administrar o território e assegurar a exploração das drogas do sertão (SOUZA, 2001), que os migrantes procuram novas oportunidades na região.

Com a valorização da borracha, no século XIX, promoveu-se uma verdadeira redescoberta da região Amazônica. A expansão da extração do látex atraiu muitos trabalhadores, predominante nordestinos, o que incrementou o comércio, multiplicou os povoados e as vilas, as capitais cresceram e se modernizaram. (SOUZA, 2001, p.42) Com a exploração da borracha na região houve um expressivo aumento demográfico, conforme apresenta a autora:

Graças à presença da borracha na pauta de exportações brasileiras, a região Norte teve um crescimento demográfico significativo. A população da Amazônia que, em 1819, foi estimada em torno de 140 mil habitantes, em 1870 passou para 330 mil, em 1900 alcançou cerca de 695 mil e, em 1920, chegou a atingir 1.439.000 indivíduos. (SOUZA, 2001, p.42)

Vale ressaltar que este crescimento é atribuído tanto à migração de brasileiros, ou seja, migrações internas, quanto a de estrangeiros. Com essa demanda migratória para a região, observou-se que houve um realinhamento territorial no início do século XX. Segundo Oliveira se desenhou “uma nova geografia para a região”

(...) com a consolidação da incorporação do norte do Mato Grosso, do Amazonas, incluindo o atual estado de Rondônia, e a anexação do Acre (1903). A expansão da produção de borracha nesta região, determinou a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, concluída em 1912, cujo objetivo era facilitar o escoamento da produção para os portos de Manaus e Belém, através da integração da estrada de ferro com a bacia do Amazonas (OLIVEIRA, 1995, p.42).

Com isso, se observa que ocorrem mudanças demográficas importantes na região amazônica no século XX. Observando isso, Oliveira explica que a ação do Estado na região foi fundamental, pois o escasso povoamento sempre foi apontado como o principal problema da Amazônia:

Com a ascensão de Vargas, sobretudo entre 1937-1945, a ação do Estado na região Amazônica tornou-se efetiva e sistemática. No quadro de modernização do aparelho estatal começou a ser esboçada uma política específica para a região, encarada como “um dos maiores problemas que a administração nacional deveria enfrentar”. Em tal política, o governo objetivava para a Amazônia, acabar com o “atraso em que ela vivia e, assim beneficiar o todo nacional”. O “Discurso do Amazonas”, proferido em Manaus em 1940, destacava os problemas que mereciam atenção do governo

federal, quais sejam: o povoamento, o cultivo racional e a convivência com as nações limítrofes (Oliveira, 2003, p.263).

Os incentivos para “preencher os espaços vazios”, propagavam as oportunidades de trabalho e de melhores condições de vida, se consolidou como um elemento estrutural do povoamento da Amazônia. A cada novo governo os incentivos e investimentos aumentavam, atraindo mais migrantes, principalmente da Região Nordeste, ressaltando que os incentivos à colonização e os investimentos para a modernização da região, deixavam de lado questões relativas às populações que ali já viviam.

Segundo Vale, “a ação política do Governo Federal se fez mais atuante, através de novos instrumentos de ação e incentivos”, com a criação de inúmeras agências e instituições, a partir dos anos de 1940. A autora destaca que, além disso, com “a criação dos Territórios Federais (Guaporé – hoje estado de Rondônia –, Rio Branco – atual estado de Roraima – e Amapá – estado do Amapá – em 1943, houve a “reorganização política do espaço amazônico”. (2014, p.64).

Esses incentivos facilitaram a vinda de muitos migrantes para a região. Nos anos de 1960, se intensificam os “projetos de construção dos eixos rodoviários de integração da Amazônia ao restante do país”, tais como as rodovias Belém-Brasília (BR-010), Cuiabá-Santarém (BR-163) e Cuiabá-Porto Velho-Rio Branco (BR-364). Isso, junto ao Programa de Integração Nacional (PIN), lançado em 1970, “estimulou a migração, incorporando definitivamente a Amazônia à vida nacional”. (VALE, 2014, p. 65)

As ações realizadas no âmbito do PIN tornam-se mais efetivas com o I Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) que “estabeleceu como objetivo nacional, a integração física, social e econômica da Amazônia com o Nordeste”. Nos anos de 1980, segundo Vale, “entre outros fluxos, destacam-se aqueles em direção às fronteiras agrícolas, principalmente em direção à Região Norte”, incentivados também pelas várias frentes de garimpo, “oficializados” ou não e a criação de novos estados, como Tocantins e a transformação dos Territórios Federais em estados. (VALE, 2014, p. 66)

Com relação às migrações para o Estado de Roraima, destaca-se que com a chegada desses novos migrantes ocorreu um crescimento populacional expressivo nas últimas quatro décadas. Segundo dados censitários⁵, a população de Roraima era de 40.885 em 1970,

5 Ver: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censohistorico/>

pulando para 451.227 habitantes em 2010. A capital, Boa Vista, concentra parte expressiva da população estadual, apresentava 36.464 habitantes, em 1970, e passou a ter 277.799, em 2010.

Vale (2014), dentre outros autores⁶ mencionam que este crescimento esteve relacionado aos grandes projetos de assentamentos e à colonização agrícola que estavam sendo implantados na Amazônia, assim como às novas áreas de garimpo, que tiveram seu auge nos anos de 1980.

Ainda podemos destacar que além dos projetos voltados para a Amazônia, incentivos do poder público na esfera local, favorecia a vinda dos migrantes. Neste aspecto, Vale (2001, p.123) argumenta acerca da não espontaneidade das migrações recentes para Roraima, principalmente quando se fala dos governos Ottomar de Souza Pinto⁷, e assim ela exemplifica:

Pode-se citar um fato ocorrido em 1992 quando o então governador Ottomar de Souza Pinto incentivou a população rural desenvolver ovinicultura. No intuito de elevar a produção de milho e baratear o custo da ração, para desenvolver o projeto e incentivar a produção do milho, distribuiu pintos, ração e colocou em São Luís, capital do Estado do Maranhão, em outdoor, “Milho em Roraima vale ouro”. Essa é uma das razões do aumento significativo de maranhenses em Roraima.

Segundo o Censo 2010⁸, da população residente em Roraima, 62.812 informaram ser natural da Região Nordeste. Segundo dados compilados por Nogueira (2015), o Censo de 1991 registrou 34.292 maranhenses vivendo em Roraima; os Censos 2000 e 2010 registraram, respectivamente, 59.072 e 61.835 naturais de diferentes cidades maranhenses domiciliados no estado.

Relatos obtidos em entrevistas mencionam estes incentivos, apontando que era fácil conseguir terrenos e material para construir casas e que esses eram obtidos por meio de ações do poder público. Ainda que esta prática não fosse exclusiva do governador Ottomar Pinto, a bibliografia consultada e, principalmente, as entrevistas apontam que nos seus períodos a frente do executivo, territorial e estadual, estes eram mais intensos, como no relato de Vera Lúcia:

Chegamos aqui em Roraima em 1991. Ficamos na casa de minha cunhada, com menos de três meses conseguimos esse terreno aqui no bairro Pintolândia. Três dias depois que meu marido fez a inscrição na Codesaima, fomos convidados a comparecer aquela instituição. Naquela época o Ottomar era governador. Era um dia

6 Ver: Nogueira (2015); Staevie (2014); Veras (2007); Oliveira (2003).

7 Ottomar Pinto (1931-2007), pernambucano, militar da Aeronáutica, foi governador de Roraima de 1979-1983, de 1991-1995 e de 2004-2007; foi deputado federal por Roraima de 1987-1991, participando como deputado constitucional de 1987-1988. Disponível: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ottomar-de-sousa-pinto>

8 Ver: <http://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/rr/boa-vista/pesquisa/23/24007?detalhes=true&localidade1=0>

de quarta-feira e ele havia se inscrito no domingo e já saiu o nome dele. Na outra semana a gente trouxe todo o “bagulho” (coisa de casa) pra cá. O material de construção como madeira e telha foi trazido em uma caçamba. Arranjou um amigo para fazer a casa, fizemos um mutirão em um dia de domingo.⁹

Segundo Martins (2004) ninguém abandona sua terra, suas raízes, sem que haja necessidade, como um migrante maranhense nos fala: “pode-se dizer que fomos ‘expulsos’ por falta de melhores condições, a gente não sairia da nossa terra não deixaria um pouco da nossa história para trás se não fosse à necessidade”¹⁰. Por outro lado, o deslocamento se dá para lugares onde se vê perspectivas de uma vida melhor. Assim, destacamos que para além da clássica abordagem baseada no “push”, “pull”, as entrevistas nos mostram que a situação socioeconômica excludente do Maranhão, se “cruza” com uma situação de incentivo à migração em Roraima nas últimas décadas.

A entrevista de Lindalva de Oliveira Magalhães também menciona este fato, quando diz que “viemos em busca de melhoras, porque lá nós não tínhamos condição e mal dava para viver, então, nosso pai veio pra cá, né, e conseguiu arrumar um terreno construiu uma banda de casa e foi isso, arrumou um emprego”¹¹

Assim como nesta, outras entrevistas deixam visível que a situação dos migrantes em suas localidades de origem no Maranhão era complicada, difícil e dura. E muitos dos que migraram vieram em busca de melhores condições não só para si, mas para sua família, queriam novas e melhores oportunidades. Com relação a isso Cícero¹² nos fala como era a situação no Maranhão e o que motivou sua vinda para Roraima.

[...] a vida que eu tinha lá no Maranhão era muito humilde, era uma vida sofrida a gente não tinha oportunidade então eu fui o único na família que sempre pensei em oportunidade não só pra mim porque já tava criado já como se diz não tinha pra onde correr [...] mas eu já não pensava mais em mim eu pensava nos filhos, entendeu, puxa vida eu criar meus filhos aqui e aí eles não vão estudar o suficiente não vão ter nenhuma profissão, não vão ter nenhum conhecimento bom [...]. Aí quando foi em 94 chega uma prima minha que tava aqui lá, aí uma tia minha me falou olha fulana tá aí assim, assim, tu tem vontade de ir embora daqui porque tu não dá um pulo lá em Roraima quem sabe, aí eu é, é mesmo, é disse é, [...] Aí eu ajetei as coisas rapidinho essas passagens e vim mais ela, nos viemos de avião.

9 Vera Lúcia Rodrigues. Entrevista realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia - Cartografia dos Maranhenses no Bairro Santa Luzia, em 20 de Julho de 2013.

10 Trecho da fala durante o minicurso de Mapeamento social de populações vulneráveis do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia - Cartografia dos Maranhenses no Bairro Santa Luzia, 2013.

11 Trecho da fala durante o minicurso de Mapeamento social de populações vulneráveis, do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia - Cartografia dos Maranhenses no Bairro Santa Luzia, 2013.

12 José Cícero dos Santos. Entrevista realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – Cartografia dos Maranhenses no Bairro Santa Luzia, em 16 de Julho de 2013.

Já relacionado ao processo da vinda do Maranhão para Roraima, podemos salientar que nem todos vêm para o estado de imediato, alguns ficam por determinado período em outras cidades e estados para em seguida chegar a Roraima e Boa Vista, como é o caso de Raimunda Nonata¹³ que fala como foi o processo de sua vinda.

Uma irmã minha levou a gente primeiro para Macapá, [...] eu e meu irmão caçula, [...] para trabalhar lá em Macapá. [...] já estávamos lá há um ano aí ela voltou no Maranhão para ir buscar sua mãe, vendeu umas coisinhas que a gente tinha lá, vendeu e trouxe minha mãe, meu pai, minha outra irmã. [...] Então quando minha mãe chegou à gente ficou quase um ano ainda em Macapá. Aí minha mãe recebeu um convite dos irmãos que moravam aqui em Boa Vista [...] ela passou um mês aqui em Boa Vista, e se apaixonou por Boa Vista. Quando ela chegou em Macapá de volta é só o que ela falava ‘quero ir para Boa Vista’. Vendemos o que tínhamos em Macapá e a gente veio embora para Boa Vista. A gente veio de barco, passamos 07 dias dentro de água, de Belém para Manaus, aí de Manaus para cá de ônibus passamos uma noite quase duas noites para chegar aqui, que era difícil.

Essas migrações modificaram e reestruturaram o espaço urbano da capital, pois os bairros já existentes não abarcavam a população que morava na cidade e a que chegava em grande fluxo, formando-se novos bairros, principalmente na Zona Oeste da cidade, como podemos observar na Figura. Com esse deslocamento da malha urbana ocorrendo para a Zona Oeste, é possível observar que é nessa área que mais residem os migrantes, muitos dos quais receberam ajuda do governo para lá se instalarem.

Veras (2007, p. 159; 165), informa que no ano de 1980, Boa Vista tinha apenas 12 bairros; em 1993 passou a ter 31 bairros.

De acordo com a SEPLAN/RR¹⁴, em 2012, a cidade contava com 53 bairros, entre os quais figuram as “Pintolândias” (Pintolândias I, II, III e IV), que foram renomeadas. Segundo matéria por Willame Sousa, no jornal Folha de Boa Vista de 2012.

A região cresceu tanto que foi dividida em Pintolândia I, II, III e IV. No final da década passada, a nomenclatura destes bairros mudou. O primeiro permanece como Pintolândia, o segundo passou a ser chamar Dr. Silvio Botelho, o terceiro é o atual Santa Luzia e o quarto recebeu o nome de Senador Hélio Campos.

13 Raimunda Nonata Gama do Nascimento. Entrevista realizada em 13 de abril de 2017.

14 Ver: SEPLAN/RR. Informações socioeconômicas dos municípios de Boa Vista – 2012. Disponível: <http://www.seplanrr.gov.br/roraimaemnumeros>.

Como foi dito acima, parte expressiva desses migrantes que chegavam à capital findavam por se estabelecer na Zona Oeste, destacando-se o grupo mais numeroso, os maranhenses. A matéria jornalística citada acima, também informa que “conforme a Secretaria Municipal de Gestão Participativa e Cidadania (SEMGEPE), os incentivos à migração estiveram presentes no processo de povoamento de tais regiões”.

Neste contexto, podemos destacar que o próprio nome Santa Luzia nos remete ao nome de duas cidades do Maranhão, Santa Luzia e Santa Luzia do Paruá. E lá encontramos uma Igreja Católica que carrega o nome de um santo muito conhecido no Maranhão, São Raimundo Nonato.

Com relação à Comunidade Católica São Raimundo Nonato, teve sua fundação no ano de 1994, durante as Missões Populares. Inicialmente, instalou-se na rua N-10 numa igreja pequena, medindo apenas 5x4m. José de Ribamar¹⁵ fala sobre a construção da comunidade em sua entrevista e menciona que receberam ajuda do governo, cujo governador, na época, era o Ottomar de Souza Pinto.

Eu vivia muito na casa da minha irmã no Pintolândia e lá já havia uma comunidade que se reunia nas casas. A irmã Ivanir era missionaria da Congregação Serva do Espírito Santo e outras duas irmãs que agora não me lembro. Foram elas que viram a possibilidade de se formar uma comunidade. Eu não conhecia quase ninguém, tinha pouca gente, eu não sabia qual era a possibilidade. Marcamos, então, um dia para conhecer o bairro. Eu não conhecia todas as pessoas, me relacionava com poucas delas, ainda era recém-chegado, tinha pouco mais de três anos, vindo do Maranhão. Fizemos algumas reuniões nas casas das famílias, dois meses depois quando reunimos mais pessoas, inclusive a Fátima e dona Maria foram pessoas que nos ajudaram. Em junho de 94 surgiu a necessidade de se reunir e definir um local, ganhamos um terreno da Otília Pinto que na época era diretora da Codesaima.

Com relação ao nome escolhido Maria de Jesus Sena¹⁶ fala como ele foi escolhido:

O nome de São Raimundo Nonato, foi dado por outra pessoa que caminhava com a gente, era a Vilma. A Vilma era lá de Vargem Grande e ela deu esse nome de São Raimundo Nonato que a gente aceitou, porque ela foi criada lá em Vargem Grande e lá tinha o festejo de São Raimundo Nonato. A Igreja mudou de local mais ou menos em 95 por aí assim.

15 José de Ribamar Carneiro Silva. Entrevista realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia - Cartografia dos maranhenses no Bairro Santa Luzia, em 14 de julho de 2013.

16 Maria de Jesus Oliveira Sena. Entrevista realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia - Cartografia dos maranhenses no Bairro Santa Luzia, em 20 de julho de 2013.

Podemos perceber que a Comunidade Católica São Raimundo Nonato serve como um espaço de socialização e de ligação entre os maranhenses que moram no bairro Santa Luzia e adjacências. Sua criação e o fato de sediar uma festa que congrega os migrantes, permite salientar que no processo de migração as identidades e as referências culturais não se perdem, antes se recriam e se ressignificam, ao buscarem realidades vividas na terra natal.

2.2 IDENTIDADE E O PROCESSO MIGRATÓRIO.

Neste sentido, em nosso trabalho anterior (SOUSA, 2014) percebemos que, como aponta Woodward (2009), “nos identificamos com lugares, com os espaços dos quais fazemos parte”. Neste estudo, portanto, faz-se necessário pensar a relação com os lugares habitados, com os quais estabelecemos relações de pertencimento, “ligando a discussão de identidade à de território”, como aponta Haesbaert (2004).

As discussões acerca das identidades vêm crescendo nos últimos anos devido às chamadas de “crises de identidade”. De acordo com Hall, esta crise teria como centro o reconhecimento de que possuímos mais de uma identidade, de que as identidades não são únicas e imutáveis, mas que estão em constante transformação. Alerta o autor, contudo, que esta é uma discussão complexa e que “é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros”. (2011, p.8).

Hall enfatiza que as mudanças e transformações estruturais nas “sociedades modernas” promovem a fragmentação das “paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”. Com isso, frisa o autor, “estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados”, destacando que a perda do “*sentido de si* estável” implica uma “descentração dos indivíduos de seu lugar social e cultural quanto de si mesmos”. (2011, p.09).

A citação acima vai ao encontro do que iremos trabalhar sobre a Festa realizada pelos migrantes maranhenses em Boa Vista, pois abre a possibilidade de discutir a questão a partir da perspectiva das múltiplas identidades sobre dois pontos de referência, estruturalmente, a partir da “crise da identidade” na sociedade contemporânea, e conjunturalmente, a partir do deslocamento material e simbólico decorrente da migração.

Hall argumenta que "o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades algumas vezes contraditórias ou não resolvidas". Nesse processo, segundo Hall, a identidade é "formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam" (2011, p. 12-13). Quando tratamos do tema migração e identidades na contemporaneidade, a questão da fragmentação das identidades, das "identidades contraditórias" empurradas em diferentes direções, o contínuo deslocamento das identificações se torna evidente.

Woodward afirma que a identidade é relacional, ou seja, depende de outra para existir, de algo de fora dela, de outra identidade que é diferente da sua. Esse processo envolve a negação e a diferença, que é sustentada pela classificação e pela exclusão. Afirma a autora que "a construção da identidade é *tanto* simbólica *quanto* social" e que nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de *sistemas classificatórios*, completando que "a luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e consequências materiais" e simbólicas. (2012, p.10)

O processo de identificação envolve a eleição de elementos simbólicos como marcadores da identidade, que conteriam uma essencialidade referenciada em espaços, em certos momentos, em origens comuns. (WOODWARD, 2012). Porém, ela é negociada no nível social e simbólico, nos indivíduos e nos grupos sociais, não sendo, portanto, unificadas. Ou seja, trazendo para a questão da identidade maranhense, o migrante continua sendo maranhense, ainda que viva em outro estado, agregaria para si elementos simbólicos que são desse outro lugar onde mora, como uma forma de se identificar com o novo local.

Com relação a isso Cuche diz que, "a identidade é então o que está em jogo nas lutas sociais". Explica que o "poder de identificação" dependeria "da posição que se ocupa no sistema de relações que liga os grupos", cabendo ao pesquisador "elucidar as lógicas sociais que levam os indivíduos e os grupos a identificar, a rotular, a categorizar, a classificar e a fazê-lo de uma certa maneira ao invés de outra" (2002, p. 185-188).

Isso nos levar a repensar o que Hall (2011) diz, que não temos uma identidade única e completa. Ser maranhense não faz do sujeito unicamente maranhense, sendo que quando migra o sujeito pega para identificações com o que está vivendo. Neste sentido Hall explica que:

(...) à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2011, p.13).

Faz-se necessário pensar também a nossa relação com os lugares que habitamos, aos quais pertencemos, fazendo uma ligação com território. A territorialidade, diz respeito também as relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar”. (HAESBAERT, 2004, p.3).

Também podemos dizer que o território é ao mesmo tempo produto de diferentes combinações “funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar 'funções' quanto para produzir 'significados’”. O autor continua fazendo menção a esta distinção, enfatizando que muitas vezes o território adquire forças que combinam com intensidades iguais a funcionalidade, que seria o recurso, e a identidade, que seria o simbólico. E que “perder seu território é desaparecer”, nesse caso, portanto, o território “não diz respeito apenas à função ou ao ter, mas ao ser”. (HAESBAERT, 2004, p.3).

Neste caminho, Haesbaert (2004) diz que “todo território 'funcional' tem sempre alguma carga simbólica, por menos expressiva que ela seja, e todo território 'simbólico' tem sempre algum caráter funcional, por mais reduzido que ele seja”. Pensando na Festa *O Maranhão é Aqui*, por mais que a apropriação territorial esteja no nível simbólico, ou seja, para a marcação de identidade, para mostrar quem é ou apresentar parte de sua cultura e se dê no momento lúdico, episódico e eventual da Festa, também se torna um espaço de ocupação e de apropriação, geográfica, social e política, de um território no qual os maranhenses estão inseridos.

Haesbaert argumenta que a territorialidade é algo abstrato, mas não no sentido radical, que ela é,

... uma “abstração” também no sentido ontológico de que, enquanto “imagem” ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural, mesmo que o território ao qual se refira não esteja concretamente manifestado – como no conhecido exemplo da “Terra Prometida” dos Judeus. Ou seja, o poder no seu sentido simbólico também precisa ser devidamente considerado em nossas concepções de território. É justamente por fazer uma separação demasiado rígida entre território como dominação (material) e território como apropriação (simbólica) que muitos ignoram a complexidade e a riqueza da “multiterritorialidade” em que estamos mergulhados. (2004, p.10-11).

Para explicar o que é a territorialidade, Haesbaert diz que todos sempre a vivemos, isso se levamos em conta as concepções de território e de território múltiplos. Sendo assim ele afirma que,

(...) formular uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade, pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma “multiterritorialidade”. (2004, p.344).

Fazendo uma ligação entre territorialidade e identidade, podemos dizer que uma se conecta com a outra no sentido de que dentro de nós existem várias identidades, e que em cada territorialidade pode-se viver ou recriar cada uma delas. Levando em consideração a situação da migração, podemos pensar que o migrante tem uma identidade que considera sua, relacionada ao seu local de origem, e pega para si também partes de identidades de onde se encontra, observando-se assim uma situação peculiar de territorialidade.

Outro ponto fundamental para uma melhor compreensão da relação entre migração, identidade e território é a memória. Isso devido ao fato dela ser fundamental para compreender e entender esses grupos, não apenas para tratar do fator migração, mas também para todo o processo no qual o migrante está enraizado, pois Thomson afirma que,

[...] há o risco de enxergar essas comunidades somente em termos de suas origens migrantes, especialmente onde elas podem ter raízes históricas profundas providas de uma continuidade de residência e podem sustentar elementos de diferença cultural muitas gerações depois do período da migração. (2002, p. 342)

Sendo assim, podemos compreender que, muitas vezes, leva-se em conta apenas a memória da migração para entender o migrante como sendo esse ser que se desloca. Porém há que se levar em conta, principalmente, que esse migrante carrega memórias mais profundas, cuja abordagem serve para melhor compreendermos sua inserção em um novo local e seu processo de negociação e adaptação cultural.

Salientando a criação da festa “O Maranhão é Aqui!”, podemos enfatizar, de acordo com Thomson (2002, p.351), que “[...] os grupos minoritários podem usar a autoconsciência como um instrumento poderoso para garantir a sobrevivência da sua cultura e da sua identidade”. Isso de fato acontece com a Festa. Não estou aqui afirmando que os maranhenses sejam um grupo minoritário do ponto de vista demográfico, mas existem fatores que influenciam para que se sintam assim, como os inúmeros tipos de preconceito vividos por eles em Roraima, por exemplo, o que ativou a utilização dessa autoconsciência de ser maranhense para realizar algo que fortalecesse e reafirmasse sua identidade e sua cultura em outro estado.

Por este viés, podemos entender a função da memória para recordar e como instância criativa, como nos diz Barros:

[...] de modo a superar a inadmissível avaliação da memória como mero depósito de dados e de informações relativas à coletividade ou à vida individual, devemos pensar na memória como instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isto assegura a permanência de grupos. (2009, p.37)

O autor ainda argumenta que a memória já não pode mais ser vista e entendida como sendo um depósito de memórias, mas sim como território, como espaço vivido, onde se lidam de maneira dinâmica e criativa com as lembranças e os esquecimentos. (BARROS, 2009).

As identidades podem ser um movimento ou processo constante de migração, construção, desconstrução e reconstrução, que se torna extremamente dinâmica e plural devido aos constantes contatos interculturais e aos constantes deslocamentos em que vivemos. No convívio social se adquire novas características, novos hábitos, atitudes, valores culturais. (CANCLINI, 2003).

Dessa forma, compreendem-se as razões para as mudanças e renovações que perpassam as identidades. Nesses termos, Ortiz (2006, p.8), diz que “não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes momentos históricos”.

Para a atualidade, podemos levar em conta o que explica Velho, ou seja, que a velocidade e a facilidade para realizar contatos e trocas materiais e simbólicas produz novos efeitos sobre as culturas e as identidades.

Os indivíduos modernos nascem e vivem dentro de culturas e tradições particulares, como seus antepassados de todas as épocas e áreas geográficas. Mas de um modo inédito, estão expostos, são afetados e vivenciam sistemas de valores diferenciados e heterogêneos. Existe uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escala e extensão. (VELHO, 1999, p.39).

Neste processo, as relações coletivas formam-se a partir de uma quantidade cada vez maior de interações com o outro e com outros grupos. Woodward destaca que quando falamos de migrações esse processo é sempre contraditório e conflituoso:

A migração produz identidades plurais, mas também identidades em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades. A migração é um processo característico da desigualdade em termos de desenvolvimento. Nesse processo, o fator de “expulsão” dos países pobres é mais forte do que o fator de “atração” das sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas. (2014, p.22).

As assimetrias socioeconômicas, as exclusões e a desigualdade estão na raiz do ato de migrar tornando-o, em muitos casos, a única alternativa para muitos indivíduos e grupos. Partindo disso, mas por outro viés, Gallo e Marandola Jr (2008) falam sobre como o movimento migratório faz romper laços existentes com a terra primeira e sobre a necessidade de se fixar novamente em outro local.

O movimento migratório implica, em termos existenciais, sair do seu lugar, num processo de desterritorialização, deixando os lugares de infância, juventude ou idade adulta, responsáveis pela sua formação enquanto pessoa e sob os quais está edificada sua identidade. [...] O rompimento da forte ligação existente entre o ser e o lugar causa um abalo na segurança existencial e identidade territorial do migrante, tornando-o suscetível à angústia e ansiedade. [...] Nesse sentido, o migrante sente a necessidade de fixar-se para que possa alcançar uma sensação de bem-estar aliviando o incômodo sentimento de incerteza e instabilidade que perdura e se reforça com a ausência do lugar. [...] O estabelecimento de laços e a sensação de pertencimento ocorrem em um lugar cujas características sociais, culturais e de organização espacial não sejam de todo desconhecidas. (2008, p.2)

Pelo ponto de vista dos autores, a saída do seu lugar, desterritorialização, ainda que desejada, abala o migrante, trazendo angústias frente ao novo, ao desconhecimento das pessoas e do lugar onde está. E para estabelecer novos vínculos, ou o que chamamos de reterritorialização, o migrante precisa se identificar com o lugar, com as características sociais e culturais do lugar de adoção, num complexo processo de negociação pessoal e social.

Portanto, como vimos em Sousa (2016, p. 24), “a identidade ao mesmo tempo em que é individual, que caracteriza o sujeito como ele é, ou quem ele é, também insere no contexto coletivo, ela precisa ser vivenciada, dialogada para ser construída e reconstruída”.

Sousa nos remete a Kuper, quando este descreve que “a identidade não é apenas um assunto pessoal”, afirmando que “ela precisa ser vivida no mundo, num dialogo com outros”. Segue argumentando que ainda que seja nesse dialogo que a identidade seja formada, “não é dessa maneira que ela é vivenciada”, pois do um “ponto de vista subjetivo, a identidade é descoberta dentro da própria pessoa, e implica identidade com outros”. Assim, podemos dizer que a identidade depende da identificação de um perante o outro. (KUPER apud SOUSA, 2016, p. 24). A identidade precisa da convivência social para ser vivida, precisa da convivência coletiva para que se defina como identidade.

De acordo com Silva (2016, p. 24) “[...] é preciso entender a identidade como algo construído, reconstruído em busca de uma nova significação”. É notório que sempre que uma cultura ou uma identidade é reconstruída ocorrem rupturas, principalmente quando estamos

falando de deslocamentos de um local para outro, como no caso das migrações. Salienta-se, porém, que nenhuma ruptura ocorre sem ambiguidades, sem negociações e resinificações entre diferentes representações simbólicas.

Salientamos, então, o que diz Junqueira, que migração é uma experiência traumática, em geral, principalmente no que concerne à aceitação e adaptação ao novo local de moradia. A autora afirma que “a migração constitui uma ruptura e um choque para o indivíduo que se desloca. Além das condições difíceis que motivam a decisão de mudança de uma situação para outra, há ainda as dificuldades impostas pela nova e desconhecida situação”. Em sua pesquisa ela identificou que “os migrantes sofreram, em geral, um doloroso processo de aculturação e adaptação, e por vezes, um “racismo” muito forte nas sociedades de adoção, seja na migração interna, quanto na imigração internacional” (JUNQUEIRA, 2012, p. 04), ou seja, situações de exclusão e de discriminação, como as relatadas pelos maranhenses ouvidos nesta pesquisa.

Podemos dizer então que não é raro que migrantes acabem por vezes se negando – isso é, negando sua identidade – por medo de sofrerem preconceito. Isso porque muitos migrantes acabam sendo alvos de agressões veladas ou manifestas generalizadas. Isso, por vezes acaba fazendo com que o migrante negue sua identidade, se associando automaticamente ao local em que vive, ou seja, invisibilizando-se, adaptando-se imediatamente a cultura local, ou então acaba por fazer uma migração de retorno por se sentir excluído, não aceito, deslocado.

Por outro lado, Maia (1999, p.59) afirma que “a migração é definida como um processo criador de redes”. Isso se materializa na medida em que o migrante desenvolve uma teia cada vez mais densa de contatos entre os locais de origem e o de destino. Desse modo, entendemos que a rede atua estabelecendo uma interlocução em dois sentidos, já que se constitui em um processo de retroalimentação cultural, que sustenta vínculo entre as duas pontas da rede entre aqueles que ficam e os que migram, o que se constitui como um elemento importante no estudo da migração de maranhenses para Boa Vista.

Ainda neste aspecto, de acordo com Desconsi (2011), quando ocorre a formação de um grupo no local de destino, se restabelecem em parte ou totalmente as relações com a comunidade de origem, quando explica:

[...] as relações são flexíveis e, assim, quando um núcleo familiar ou indivíduo migra para um novo espaço, estabelece rupturas de elos anteriormente intensos, ao mesmo tempo em que pode manter a grande parte das relações estabelecidas, especialmente com familiares, parentes e conhecidos. O principal pressuposto desta conclusão é que junto com os migrantes também se deslocam as suas relações, ou ao menos parte destas. (2011, p.180).

Com relação à isso, Gallo e Marandola Jr (2008) também enfatizam sobre a importância das relações em rede para a inserção do migrante e para a recriação e apropriação de uma nova territorialização.

A reconstituição do espaço social do migrante remete à presença das redes sociais cujos lugares constituintes possibilitam o indivíduo ter a sensação de identificação e pertencimento. [...] Essas redes trazem mudanças significativas para o local de destino resultando na recriação de símbolos que fazem parte da identidade desse devido à sua forte significação. [...] essas redes representam um referencial identitário para o migrante e um meio fundamental para encorajar o seu envolvimento com o local de destino. Ela pode ser entendida como a apropriação e territorialização do migrante no local de origem. Seus lugares constituintes são construídos pelos e para os migrantes a partir dos aspectos seus socioculturais. Os migrantes passam a ter domínio/controlar gerando territorialidade ao recriar seu território. (2008, p.4-5).

Para compreender melhor as relações em rede, Saquet e Mondardo (2008) trazem uma discussão que relaciona a migração como parte de um processo de construção das relações em rede.

A migração, na maioria dos casos, coincide com um processo de construção e interação territorial em rede. Desse modo, a mobilidade espacial da população produz, através de uma interação em rede, a construção de territórios interligados entre si tanto econômico como cultural e politicamente. [...] as relações são construídas entre os territórios de origem e de destino, e são acionadas, buriladas e mantidas pelo *vínculo* e *contatos* tecidos e construídos entre migrantes e não migrantes através de uma interação em rede. (2008, p. 119).

Neste sentido, Staevie ressalta que enquanto as mudanças nas sociedade de origem e destino determinam as migrações, “as redes sociais desencadeiam o movimento e lhe conferem estabilidade, direcionando os fluxos”. Do O autor defende que a abordagem das redes sociais permite reunir na análise dos fenômenos migratórios o que chama de “determinantes estruturais” aos aspectos “subjéctivos”, permitindo também o “estudo sobre a retenção dos imigrantes no local de destino” (2014, p. 30), o que fundamenta a questão central deste trabalho.

Com isso, podemos dizer que o estudo das migrações além de ser embasado historicamente, principalmente nas mudanças históricas ocorridas ao longo do tempo nas diversas regiões, também se liga à fatores econômicos e sociais conjunturais, pois quem migra o faz em busca de melhores condições de vida. Por outro lado, as migrações, querendo ou não, interferem no processo social das sociedades de origem e destino e na vida do migrante. Quando se migra ocorre uma ruptura e a necessidade de inserção na nova sociedade em que se estabelece, o que confere importância a abordagem das relações em rede.

Como explica Staevie, as “relações que fundam as redes sociais” antecedem o processo migratório em si, porém “rearranjam as parcerias e os espaços de vivência do migrante na sociedade de destino”, onde “novas interações sociais são formadas visando à adaptação a nova cultura que o migrante passa a experimentar”, envolvendo, assim, “novas formas e espaços de sociabilidades” (2014, p.30-31). Na migração de maranhenses para Boa Vista, observa-se a importância dos contatos entre os migrantes nos seus lugares de origem e em Roraima, como podemos perceber nos trechos das entrevistas de José Cícero, Raimunda Nonata e José de Ribamar citadas acima.

3. MARANHENSES EM BOA VISTA/RR.

Os migrantes maranhenses estão em grande número no estado de Roraima, de acordo com dados apurados pelo IBGE, e como apresentam as pesquisas aqui consultadas¹⁷. Segundo o jornal Folha de Boa Vista, de 08/12/2017, baseando-se na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD – 2013), “o estado do Maranhão é disparado o que mais apresenta números de migrantes. Segundo a pesquisa, são 85 mil.”¹⁸.

Esses migrantes encontram-se espalhados pelo estado, porém destacamos, como já abordado, que há uma concentração na capital, em especial na Zona Oeste, nos bairros originados das antigas Pintolândias, que contaram com incentivos do governo e que acabaram favorecendo esse aglomerado de migrantes. Essa aglomeração de maranhenses, possibilita que possamos ver em alguns pontos dessa área da cidade, e em especial no bairro Santa Luzia, muitas características culturais maranhenses¹⁹.

Com isso, podemos salientar que a festa “O Maranhão é Aqui!” é um dos meios de expressão da cultura maranhense. Nela se reúne em um único espaço e em uma certa data culturalmente expressiva, com o desejo de mostrar sua beleza e encanto, a dança, a culinária, a música e artefatos que são de uso comum no Maranhão, e que quando aqui se chega ganham um novo significado.

Assim iremos apresentar alguns elementos que caracterizam essa cultura e tradição maranhense, e que foram vieram junto com os migrantes, e como eles se apresentam no Arraial dos Maranhenses.

3.1 HISTÓRICO DA FESTA O MARANHÃO É AQUI.

A festa “O Maranhão é Aqui!” iniciou-se no ano de 2010, com a intenção de recordar as memórias e as brincadeiras vividas no Maranhão. A festa acontece no final de semana

17 Sobre isso ver: Veras (2007); Vale (2007) e (2014); Celene Sousa (2014); Nogueira (2015); Maria Silva Sousa (2016).

18 Roraima ainda é terra de migrantes. Disponível em: <http://folhabv.com.br/noticia/Roraima-ainda-e-terra-de-migrantes/10418>, acesso em 08/12/2017. A matéria ainda destaca: “Depois aparecem os estados do Pará com 32 mil, Amazonas com 24 mil, Ceará com 17 mil, o Piauí com 8 mil e o Rio Grande do Sul com 5 mil. Estes são os estados que mais enviaram pessoas para Roraima.”

19 Sobre isso, ver: Os Maranhenses do Bairro Santa Luzia: cultura e identidade da Comunidade São Raimundo Nonato (2014); Sousa (2014); Nogueira (2011) e (2015); Maria Silva Sousa (2016)

correspondente à comemoração da festividade de São João, 24 de Junho, na Comunidade Católica São Raimundo Nonato, que se localiza no bairro Santa Luzia, na Zona Oeste da cidade de Boa Vista.

Primeiramente para podermos compreender o significado e a importância da festa, precisamos compreender os idealizadores da festa, os moradores do bairro, conhecer seus problemas e suas necessidades. Assim, poderemos compreender toda a formação e organização da festa, entendê-la como uma “necessidade” dos maranhenses moradores do Bairro Santa Luzia e dos católicos da Comunidade São Raimundo Nonato.

Através de pesquisas realizadas, percebemos que a Comunidade assim como os moradores do bairro é majoritariamente maranhense. Dessa forma, a comunidade se organizou e decidiu fazer um dia de brincadeira, que acabou tomando a dimensão de um espaço para marcação de identidade e uma forma de territorialização, pois nela os maranhenses buscam trazer de volta suas raízes, sua tradição e sua cultura. (SOUSA, 2014).

Como afirma Pedro Lima da Costa²⁰, importante figura na concepção da Festa, em sua entrevista ao Programa Cartografia dos Maranhenses no Bairro Santa Luzia, havia uma "necessidade" de organizar a Festa.

Voltei ao Maranhão em 2008, por motivos particulares, e passei um ano e meio lá, e lá me deparei, em São Luís do Maranhão, com a grande cultura dos maranhenses, e em 2009 quando retornei a Boa Vista e participando da Comunidade São Raimundo Nonato houve a necessidade de se fazer um evento para se arrecadar fundos para a Comunidade, aí foi proposto a ideia de no mês de Junho que é bem festivo, bem comemorativo e com uma conotação católica, aí foi jogada a proposta de trabalhar o maranhense aqui na cidade de Boa Vista, a gente ia trabalhar a cultura maranhense.

É bom lembrar que a Comunidade Católica São Raimundo Nonato está situada em uma área da cidade bastante populosa, formada a partir da expansão urbana associada ao crescimento demográfico da década de 1980. Como dito acima, nesta área, formada por bairros oriundos do Conjunto Pintolândia I, II, III e IV, hoje bairros, reside uma quantidade expressiva de migrantes, com destaque para os maranhenses e isso foi determinante na criação

²⁰ Pedro Lima da Costa. Entrevista realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia - Cartografia dos maranhenses no Bairro Santa Luzia, em 14 de julho de 2013.

da Comunidade, como afirma Zézinho²¹ sobre aqueles que a fundaram: “Todos maranhenses, todos maranhenses”. Na sua entrevista, ressalta um forte motivo para a criação da Comunidade: “... porque o que nos incomodava na época mesmo na capelinha pequenininha era exatamente essa forma injusta de ver tanto maranhense vindo para cá e ficando alheio”.

Desse modo, a Festa surgiu a partir das atividades da Comunidade Católica São Raimundo Nonato, juntamente com o propósito de reviver a cultura maranhense. Para Costa, a Festa se constituiu também como uma estratégia de inserção e, neste sentido, menciona qual seria um dos objetivos da Festa.

É uma forma de enfrentamento, foi também uma compreensão, uma proposta de evangelização aqui da Comunidade de enfrentar a realidade. Então o arraial seria essa proposta de vender uma boa imagem do Maranhão como forma de levantar a estima dele, desse indivíduo, levantar a autoestima da pessoa né? Com a pessoa se sentindo respeitada e valorizada na condição de pessoa humana.

Neste sentido, a expressão “enfrentamento” utilizada por Costa tem variados significados. Destaco, inclusive que durante o processo da Cartografia dos Maranhenses, registrou relatos de alguns migrantes que se referiam às piadas generalizadoras e depreciativas sobre os maranhenses, peças de preconceito que ainda hoje circulam em mensagens de celular e nas redes sociais, como na fala de Rejane Pereira, quando conta um fato que viveu quando realizava uma pesquisa sobre a presença de codoenses (naturais do município de Codó/MA) em Boa Vista, em uma das principais feiras da cidade:

[...] informaram-me que ali havia um feirante codoense, porém não me disseram quem era para que pudesse identificá-lo. Encontrar um codoense na feira não foi tarefa fácil, isso porque eles não querem se identificar, já que são chamados de macumbeiros. Apesar da dificuldade, encontrei a referida pessoa, e como já era de se esperar, ela negou sua identidade codoense. (CARTOGRAFIA, 2014, p. 3)

Ou, ainda, no relato de Alfredo Alves, então proprietário da radiola de reggae Trovão do Som:

[...] não é fácil trabalhar com o movimento do reggae, você sabe a questão do preconceito, que todo dia a gente luta contra o preconceito. [...] enquanto ele não inverter esse quadro vai ser sempre levado para essa parte negra, associado as

21 José de Ribamar Carneiro Silva. Entrevista realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia - Cartografia dos maranhenses no Bairro Santa Luzia, 14 de julho de 2013.

drogas, entendeu? [...] achando que todo regueiro é vagabundo, que é maconheiro, que é isso e aquilo, entendeu? (CARTOGRAFIA, 2014, p. 4).

Neste sentido, os resultados da Cartografia dos Maranhenses, usa a expressão “violação de direitos” para explicitar essa situação vivenciada no cotidiano dos migrantes maranhenses em Boa Vista. Explica que, na década de 1990, “tal situação evidenciou-se de forma mais contundente, devido ao grande número de maranhenses que aqui chegaram”, criando-se “no imaginário popular uma visão negativa sobre essa população, que inclusive é reproduzida por grande parte dos maranhenses”. Argumenta que “esta visão depreciativa” relaciona-se com “situações de violência, inferiorização cultural e social”, o que torna compreensível o fato de que muitos maranhenses neguem sua identidade. (CARTOGRAFIA, 2014), tendo em vista que a eles se atribuem rótulos e estigmas relacionados não só a sua situação socioeconômica, de migrantes pobres em busca de melhores condições de vida, mas também por sua cultura e suas tradições.

Portanto, um dos fatores para a realização da Festa é também romper com o preconceito sofrido pelos migrantes maranhenses na cidade de Boa Vista. Pedro Lima da Costa citada acima mostra que havia, e há, uma razão de ser para a Festa que vai além da saudade e da vontade de reviver práticas da cultura maranhense. Neste sentido, Albuquerque Júnior argumenta:

As festas podem não só ser campos de lutas concretas, de enfrentamentos entre pessoas e grupos, em torno dos valores e preceitos que definem o viver em sociedade, mas elas são campos de luta simbólica, de luta entre projetos, sonhos, utopias e delírios, mas são acima de tudo momento de invenção da vida social, da ordem social e da própria festa e seus agentes. (2011, p.148).

A Festa, portanto, se configuraria como uma maneira de elaborar uma identidade e interpretar a vida em outro meio social e cultural. Pedro Lima da Costa em sua entrevista expressa isso, quando diz:

Temos nos perguntado: Por que fazer o arraial dos maranhenses? Por que o arraial dos maranhenses é espaço de reconstrução da identidade, por quê? Porque percebemos que desde a nossa chegada aqui somos discriminados, que nós sofremos preconceitos e discriminação. O maranhense é sempre aquele estigmatizado. Aquele que sofre algum tipo de violência. E aí nós nos reunimos.

Assim, podemos pensar a Festa a partir do que nos mostra Célia Lucena quando diz que “a festa é sem dúvida em todas as culturas a manifestação de uma vida diferente, de uma vida presenteada”. Explica a autora que “as pessoas na celebração de suas próprias festas re-animam suas próprias identidades”, instaurando “momentos de novas temporalidades, extraordinários”. (2008, p. 97)

Nos passos da autora, as festas, portanto, re-inventam tradições, re-animam identidades, ressignificam o ser e o estar em uma certa sociedade. Seu estudo, conjugado ao que nos diz Albuquerque Jr. na citação acima, ajudam a entender que partir de diferentes abordagens e enfoques, a festa “é sempre um espaço para analisar as relações, passagens, conflitos, igualdades, diferenças e trocas”. (LUCENA, 2008, p. 103).

Ainda mais quando examinamos aquelas festas ligadas às migrações. Como Lucena (1999, p. 70) aponta, os estudos das festas possibilitam “um direcionamento voltado para a compreensão de como os migrantes reinterpretem e inventam suas experiências”, no contexto urbano, “e de como o ritual da festa é um veículo de identidade”. A festa “O Maranhão é aqui”, com sua natureza episódica e eventual como toda festa, incorpora uma tradição e uma identidade que parece ter sido deixada para trás, tendo em vista a realidade vivida pelos maranhenses no contexto da migração para Boa Vista. (SOUSA, 2014)

A Festa ocorre na Comunidade São Raimundo Nonato na semana das festividades de São João Batista, a data da comemoração do nascimento do santo. Pedro da Costa marca isso, quando diz que no “arraial dos maranhenses acho que a mística, a fé, ela é fundamental por isso que nós não abrimos mão, de ser feito nesse período junino é festa de São João e através disso toda a cultura maranhense é norteadada no sincretismo religioso”.

Dentre várias atividades, ocorrem apresentações de Bumba-Meu-boi, de quadrilhas juninas e de música reggae, além da passagem da fogueira, de barraquinhas com comidas típicas juninas e do Maranhão, como o arroz de cuxá.

Estas atividades ligam-se a ideia expressada por Costa acima acerca da “grande cultura dos maranhenses”. Neste sentido, as características mais marcantes, de acordo com Pedro Lima da Costa, seriam o Bumba-meu-boi e o reggae, ele explica:

Nós temos o ritmo predominante, se for pra pensar no Maranhão. O que temos no Maranhão? O quê que o Maranhão tem? Como exclusivo e diferente? Seria esse ritmo do Bumba-meu-boi e dos nossos ritmos do reggae. Que é único do Brasil,

então quem vem para o arraial dos maranhenses vai saber que vai ouvir muito reggae e muito toada de Bumba-meu-boi.

O Reggae não é uma música de origem brasileira, porém acabou se tornando parte da identidade maranhense. Como explica o pesquisador Rogério Costa, historicamente, o reggae surgiu em solo jamaicano “como a síntese de tudo o que vinha sendo feito anteriormente (rastafarianismo, letras que falavam do cotidiano e de amor), adicionando um elemento fundamental para a sua propagação: a preocupação política”²². Com relação ao seu surgimento e difusão no Maranhão, Costa enfatiza:

Em solo maranhense, a música jamaicana chegou na década de 60 do século XX, na condição de música internacional [...] houve uma intimidade com a música, de forma que, a partir daí, a identidade do maranhense com o *reggae* tornou-se evidente. (2007, p.4).

Ainda sobre isso, Costa apresenta um trecho de um depoimento realizado com o radialista Ademar Danilo Castro, que é um dos pioneiros do reggae em São Luís, em que ele explica essa “intimidade” entre os maranhenses e o reggae:

Vários são os fatores que possibilitam a instalação da cultura regueira no Maranhão. Fatores como a predominância étnica de negros e sua influência cultural e religiosa no Maranhão são importantes. A religião afro jamaicana em muitos aspectos com o Tambor de Mina professado no Maranhão. Além disso, estudos nos levam a crer que a etnia africana que foi trazida para o Maranhão no período da escravidão, os bantos, é a mesma que deu origem à população jamaicana. Apesar de não haver provas factíveis, percebe-se essa ligação na legitimação das músicas do Caribe pela população daqui. (2007, p.4).

Costa (2007) ainda menciona que a cidade de São Luís é o principal reduto do regueiro maranhense, mas que o reggae foi adotado pelas camadas populares de várias áreas geográficas diferenciadas do estado. A Festa conta todo ano com uma radiola de reggae.

22 Disponível em www.reggaeroots.z6.com.br/historia.



FOTO 1: Radiola de Reggae Trovão do Som - 2016
Acervo: Celene Farias de Sousa

Já o Bumba-Meu-Boi tem origens no próprio processo de colonização do Brasil, adquirindo especificidades no Maranhão, conforme menciona Pedrazani:

A festa do bumba-meu-boi é uma das manifestações culturais mais conhecidas e representadas no Brasil. Condensa em torno de si deferentes valores culturais de distintos contextos e procedências, da qual as representações elaboradas a partir dos significados e usos destes elementos em diversos espaços geraram um conjunto de práticas lúdicas e simbólicas, dinamizadas através dos Mestres, dos brincantes de bumba-meu-boi e todos aqueles vinculados de alguma forma a esta manifestação que recaracterizaram a festa com a experiência dos acontecimentos do mundo presente, resinificado hoje e os projetos porvindouros. (2010, p.24).

O enredo tradicional do Bumba-meu-boi gira em torno de uma lenda narrada como um fato acontecido com um casal de escravos de uma determinada fazenda:

[...] o marido, chamado Francisco, e a mulher, Catirina. Esta grávida e com desejo, pede ao esposo que lhe traga língua de boi. Então, o Pai Francisco rouba o boi do seu patrão, dono da fazenda, e quando está no início da matança, é descoberto. Tomando conhecimento do ocorrido, o patrão manda o capataz apurar o caso. Preso o negro Chico, este terá de dar conta do boi, sob pena de ser morto. Em virtude disto, toda a fazenda foi mobilizada para salvar o boi. Então, são chamados os pajés,

doutores, que finalmente conseguem ressuscitar o animal. A alegria foi contagiante. O boi estava salvo e também pai Francisco. (REIS, 2000, p.24).

Ainda podemos dizer que uma das especificidades no Maranhão é que “o Bumba-meu-boi maranhense encena o rapto, a morte e a ressurreição do boi. Na encenação misturam-se teatro, dança, música e circo”. (ALBERNAZ, 2004).

Cabe frisar que “o Bumba-meu-boi é originário do ciclo econômico do gado no Brasil, tendo realmente este folgado a tríplice miscigenação, com a influência das raças responsáveis pela nossa colonização: o negro, o índio e o branco”. (REIS, 2000, p.21). O autor ainda menciona que a brincadeira é praticada em quase todo o território maranhense, porém é mais intenso em São Luís e na Zona Litorânea.

O Bumba-meu-boi, assim como outras festas populares brasileiras, como enfatiza Albuquerque Júnior (2011, p.138), “seriam marcadas pelo colorido, pela diversidade, pela multiplicidade de manifestações, de gentes, de atividades, de vestimentas, de quitutes, de gestos, de crenças”. Na encenação do “Boi”, as vestimentas e a figura do boi são bem coloridas, a música é vibrante assim como a participação dos brincantes.



FOTO 2: Público da Festa 2016
Acervo: Celene Farias de Sousa



FOTO 3: Entrada do espaço da festa - 2016
Acervo: Celene Farias de Sousa



FOTO 4: Faixada de divulgação da Festa – 2013
Acervo: Celene Farias de Sousa

A Festa congrega a apresentação de grupos de Bumba-meu-boi sediados em Roraima. Um sediado no município de Alto Alegre, chamado Boi Douradinho do Mestre Raimundo Karin, vem se apresentando na Festa desde seu segundo ano, 2011. Com o passar dos anos e a consolidação da organização da Festa, encontrou-se mais um grupo de Bumba-meu-boi no município de Mucajaí (RR). No ano de 2013, este grupo, chamado Boi Brilhante da Mestre Armandina, também começou a se apresentar e todos aos anos faz presença no Arraial.

Outra novidade na Festa foi a incorporação do Batismo do Boi²³ na festa no ano de 2016. Friso que este só ocorria na cidade de Alto Alegre, de onde são os brincantes Boi Douradinho, e que possuem um barracão para realizar os ensaios. No ano de citado, o Mestre Melancia com o Boi Estrelinha de Boa Vista, também animou a festa junto com os outros dois grupos.

Percebe-se que aos poucos esses elementos iniciais foram motivando e inspirando os organizadores da Festa à buscar, cada vez mais, incorporar elementos que a caracterizassem como um espaço de promoção da cultura maranhense.



FOTO 5: Fogueira em homenagem a São João - 2015

Acervo: Celene Farias de Sousa

23 Com relação ao Batismo do Bumba-meu-boi ressalta-se que: “O que o batismo propõe é uma afirmação de identidade específica: o amadurecimento de um ser que nasceu pagão, sob o auspício de São João, para ser mostrado como cristão sem manchas ou culpas de qualquer natureza... Após o batismo, o Bumba-meu-boi não é um *ente*, mas o *ente*, aquele que vai representar o mundo vivido da comunidade num outro espaço, agora público, levando as mensagens e tornando-as conhecidas, acessíveis a todos para trazer de volta o *feed-back* necessário à continuação tanto do ente como da própria comunidade”. (MARQUES, 1999, p.140).



FOTO 6: Apresentação de bumba-meu-boi de Alto Alegre – 2012
Acervo: Celene Farias de Sousa.



FOTO 7: Barraca de comida típica - 2016
Acervo: Celene Farias de Sousa.



FOTO 8: Apresentação do Grupo de Quadrilha em 2016
Acervo: Celene Farias de Sousa.

Neste sentido, Pedro Lima da Costa²⁴, fala sobre o processo da inserção do Guaraná Jesus na festa, um refrigerante muito apreciado e só encontrado no Maranhão. Menciona como foi o processo dos dois primeiros anos em que foi comercializado na festa e as dificuldades encontradas para a compra e o traslado da bebida.

Em 2012 foi a primeira vez e consegui trazer via área, consegui trazer uns 05 fardos de refrigerante de 2 litros, só para caracterizar mesmo, ai ficou meio que alegórico, só mesmo para ter e para as pessoas saírem de lá dizendo que encontraram refrigerante Jesus lá era um ganho para a comunidade. Mobilizei minha família, era totalmente inviável, e eu tive a cara de pau de ocupar minha família, eles compraram, paguei um frete enorme para trazer e o custo ficou pela minha conta mesmo e chegou bem na data, quase que eu perdia, mas graças a Deus que foi bom, e foi aquela história você teve que pagar para ver. E no próximo ano, a equipe viu a visibilidade e o ganho que iria trazer para o arraial, e o segundo começamos a articular para trazer via terrestre. Então a família Magalhães entrou em contato com a família em Zé Doca que mandou até Belém, lá tinha uma pessoa que naquele ano que pegaria a mercadoria e transportaria de barco até Manaus e em Manaus tinha familiares dos Magalhães que iriam pegar no barco e transportar via terrestre até Boa Vista, de ônibus. E as pessoas se envolveram mais e não foi mais somente a minha pessoa. Assim foi possível trazer uma quantia maior. E ele foi um chamativo de pessoas para a festa. E ano após ano cada vez mais melhorando.

24 Pedro Lima da Costa, entrevista realizada em 16 de dezembro de 2017, em Boa Vista/RR.

O relato exemplifica o esforço coletivo e o envolvimento dos participantes da organização com a Festa. Neste sentido, ainda que não seja objetivo deste trabalho discutir a questão, observa-se a ação das redes de contato e informação que ligam os maranhenses de lá e os daqui, laços físicos e materiais, mas também culturais e simbólicos.²⁵

Esse processo de aglutinamento proporcionado pela organização e participação na Festa, também sobressai quando observamos a realização do Projeto da Cartografia dos Maranhenses no Bairro Santa Luzia, em 2013, que antecedeu a festa, acabou sendo também uma preparação para a festa daquele ano. O projeto ofereceu oficinas sobre direitos humanos e direito individual e coletivo, que ajudaram os migrantes de variadas formas, inclusive a entenderem os preconceitos e estigmas que sofrem e a diferenciação entre o que é piada e o que é o próprio estigma, inclusive entendendo as formas como podem ser criminalizados. Com isso, foi possível observar durante esta edição da festa uma maior participação e envolvimento, assim como a estrutura da festa ganhou mais proporções.

Com a Cartografia também surgiram novos apoiadores e patrocinadores para a Festa, destacando entre eles a Universidade Federal de Roraima. Na Festa de 2013 ocorreu também uma exposição de fotos de algumas cidades, artistas maranhenses conhecidos nacionalmente e alguns trabalhos elaborados com a temática também. Pedro Costa²⁶ fala sobre o projeto da Cartografia dos Maranhenses:

E em 2013 houve um contato com a Universidade Federal de Roraima, através do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, na qual o grupo levou a demanda para a equipe da Cartografia e conseguimos trabalhar a Cartografia dos Maranhenses, intitulada Os Maranhenses do Bairro Santa Luzia: Cultura e Identidade da Comunidade São Raimundo Nonato. E a gente fala, e fala e muito mais não há algo que possa ser registrado e através desse trabalho nos dar visibilidade. Não é conhecer por conhecer é na verdade conhecer e se deparar com um trabalho como ferramenta de luta mesmo de conquista. E então é isso, a cartografia social da Amazônia e a cartografia dos maranhenses a gente pode enumerar há também todos os nossos trabalhos e esforços do grupo de tentar dar visibilidade ao folclore, ao Bumba-Meu-Boi e outras atividades e tudo como o

²⁵ A organização da festa se dá de 5 a 4 meses. Normalmente a festa sempre é no mês de junho que é um referencial religioso, e em uma data próxima de São João, e também pensar a questão da data dos dias, se serão dois dias ou três e como poderíamos trabalhar melhor o evento nesses dias. É a parte mais exaustiva, quando a gente se deparou com o grupo de bumba-meu-boi de Alto Alegre ele estava praticamente desativado então hoje não só, eu que fazemos, que contribuimos, foi uma válvula, um tonzinho que foi adicionado, e a gente conseguiu mobilizar outras pessoas que estão contribuindo para melhorar o bumba-meu-boi, como por exemplo o de Alto Alegre, para dar visibilidade passa de 3 a 2 meses ensaiando, a gente a questão dos instrumentos musicais e acima de tudo ensaio. Entrevista de Pedro Lima da Costa realizada em 16 de dezembro de 2017.

²⁶ Pedro Lima da Costa, Entrevista realizada em 16 de dezembro de 2017.

próprio arraial que se encerra como o proporcional que a gente trabalha as comidas típicas, ritmos musicais, que a gente explora bastante o reggae.

Destaco ainda, com relação à festa de 2013, a fala na abertura da festa de José de Ribamar²⁷ – conhecido na comunidade como Zezinho – que apresentou uma explicação da Festa, convergindo com o que vem nos expondo as falas de Pedro Costa:

(...) ela procura mostrar esse jeito maranhense de ser, de identificar como uma pessoa de origem desse estado, sem medo de se autoafirmar, de dizer ser de uma determinada localidade, afirmando que essa festa é exatamente para isso, para mostrar essa identidade de origem, de ser e de pertencer a um estado mesmo estando morando em outro. (SOUSA, 2014, p. 44)

O lançamento do fascículo da Cartografia dos Maranhenses no Bairro Santa Luzia, que ocorreu no ano de 2015, fez com que a festa ocorresse em três dias. No primeiro dia foi realizado o lançamento fascículo, produto final do projeto, com a entrega do mesmo para cada participante do processo (entrevistados, participantes das oficinas, bolsistas e coordenadores do projeto). Houve também a oportunidade dos participantes exporem em uma mesa de diálogos a experiência de ter participado dessa construção.

27 Comentário feito na primeira noite da festa e registrado em meu caderno de campo, por ocasião da minha pesquisa anterior e apresentado em meu trabalho anterior (SOUSA, 2014). Destaco que participo da Festa desde sua primeira edição, mas a partir de 2013, venho realizando registros para as projetos que desenvolvo sobre o tema desde então.



FOTO 9: Fascículos da Cartografia dos Maranhenses no dia do lançamento em 2015

Foto: Pedro Costa.

Neste sentido, a fala de Pedro Costa e de José de Ribamar reafirma o objetivo inicial da Festa, ou seja, de ser um espaço de enfrentamento das questões que perpassam o cotidiano dos maranhenses estabelecidos em Boa Vista. Mostram também que há uma “abertura” por parte do grupo que organiza e participam ativamente da Festa, para a incorporação de novas experiências que fortaleçam a Festa em si e a discussão das questões sociais, políticas, comunitárias e culturais que lhe deram origem e que vêm originando desdobramentos.

Neste aspecto, Pedro Costa justifica em sua fala os motivos que levaram com que a festa ocorresse em três dias no ano de 2016, dizendo que:

Foram colocados os três dias por pedido do Mestre Melancia, que queria brincar no dia de São João, tento em vista que se fossem em dois dias a festa seriam nos dias 25 e 26, e para ele só fazia sentido brincar São João no dia do Santo que é dia 24. Então a gente começou a sondar um e outro, a vender o peixe do arraial, eu comecei a fazer as interlocuções, mas a demanda partiu do pedido do Mestre Melancia do Boi Estrela do Vale, e agente que quer sempre caracterizar melhor o São João que a divindade que rege o bumba-meu-boi e a gente dialogo primeiro, ver a disponibilidade mais acima de tudo ver o sentido. Então tudo tem a ver, sempre que foi desde o início, a gente estava bem próximo do São João, desde a primeira edição que foi em 2010 e quando a pessoa traz a vontade de querer brincar no dia de São

João, isso é muito importante, você faz as coisas soltas, porque eu quero eu acho bonito, a gente procura dar sentido ou dar vida àquilo que está sendo feito.²⁸

Outro fato de importante relevância é que na Festa de 2016 ocorreu o II Encontro de Mestres de Bumba-meu-boi de Roraima. O primeiro ocorreu no final de 2015, na Comunidade São Raimundo Nonato, o que demonstra o caráter aglutinador da Festa.

Frisa-se que essas características que aparecem e se apresentam na Festa expressam uma identidade maranhense que se quer valorizada, visibilizada. São também elos que os ligam a sua terra natal, revivendo e recriando suas memórias e reafirmando uma identidade em jogo no processo de migração. Demonstram a importância deste espaço, onde contatos e relações se estabelecem e/ou são reafirmados, por meio das atividades e ações inerentes à Festa, mas também por outras, o que expande o sentido da Festa para além do seu período de realização.

Por fim, vale ressaltar que o objetivo principal do Arraial dos Maranhenses, como afirma Pedro Costa em suas entrevistas, de “vender o maranhense”, não no sentido literal, de um objeto, mas no sentido figurado, de divulgar, de visibilizar a cultura, de afirmação do migrante como um ser culturalmente rico, vem sendo realizado. Rejane Pereira, em sua entrevista à Cartografia também avalia a Festa positivamente, quando afirma: “a partir do Arraial percebemos que já houve uma mudança, o preconceito tem diminuído. Já é um objetivo alcançado para o que nos propusemos com essa festa” (2014, p. 9). A Festa, ao longo dos anos, atrai um público expressivo não apenas de maranhenses, que vão em busca das referências da terra deixada para trás, mas do público em geral.

3.2 HISTÓRIA E TRADIÇÃO MARANHENSE EM BOA VISTA/RR.

A tradição maranhense se entrelaça e se (re)cria na cidade de Boa Vista, na festa “O Maranhão é Aqui!”. Assim, faremos uma breve exposição acerca dessa identidade cultural

²⁸ Pedro Lima da Costa, entrevista realizada em 16 de dezembro de 2017.

que se recria em Boa Vista por meio da memória dos migrantes maranhenses, de suas práticas sociais e culturais.

A construção de uma identidade e cultura maranhense foi um processo lento, que nos remete às origens coloniais do Brasil. Barros, salienta que foi um processo lento e contínuo de reconhecimento social e simbólico da cultura popular e afro-brasileira, e que nesse processo “as formas e conteúdos das 'tradições regionais' – expressão frequentemente utilizada, na época, para se demarcar identidade maranhense – foram profundamente modeladas, o que se deu em meio a trânsitos inter-regionais e envolveu diversos indivíduos, grupos e setores sociais, inclusive da administração estatal.” (2007, p.1).

O autor ainda explica que o processo da construção dessa identidade maranhense implica, sobretudo, no campo das manifestações culturais, tanto aquelas que são identificáveis como de caráter erudito, como aquelas percebíveis como populares e/ou negras.

Primeiro, porque essas manifestações se constituem como elementos ora destacados, ora obliterados, na formação daquela identidade. E, segundo, porque elas se apresentam como meios através dos quais se representa a região. Assim, nos conteúdos e nas formas de identidade maranhense estão implicadas certas heranças étnico-culturais. Não será possível identificar um momento em que final e plenamente uma delas ascende a símbolos total e único da identidade regional. (BARROS, 2007, p.2)

Percebemos que as manifestações culturais maranhenses estão enraizadas na mestiçagem, com grande aporte na cultura indígena e afro-brasileira. Percebemos isso nas principais manifestações culturais e de religiosidade popular, tais como Tambor de Mina, a Pajelança e Bumba-meu-Boi, uma herança dos antepassados índios e pretos do Maranhão, historicamente interdita, mas, também, marcada pela resistência e pela reinvenção. Sobre isso, Barros explica:

Trata-se da perseverança de velhos modelos, que foram intensos sobretudo durante a República Velha, nos quais os ideais de civilização e progresso eram os nortes que guiavam a produção dos textos e falas. Perseguições a terreiros de tambor de mina e casas de pajelança eram justificadas por que estas seriam práticas nocivas, heranças de África e dos povos ameríndios nativos. O bumba-meu-boi era proibido de ir ao centro das cidades por que seria barafunda de pretos e da então dita semibárbara caboclada. Nos anos 1940, ainda denunciava-se que o Maranhão era um estado débil e doente resultado do sangue de negros e índios circulando nas veias dos regionais, o que só a migração europeia poderia sanar. Se, de um lado, aquelas manifestações são identificadas como sinais de atraso e barbarismo, de “decadência” da região e de sua gente, de outro, a identidade maranhense é repetidamente construída como refinada,

erudita e branco europeia, o Maranhão é reatualizado como “Atenas Brasileira” e São Luís como única capital brasileira fundada por franceses. (2007, p.3).

Barros menciona que, em meados do século XX, ainda existia grande preconceito com a cultura dos negros e índios. E que as danças, hoje conhecidas e reconhecidas mundialmente, não eram aceitas pela elite maranhense e que há um longo processo para que houvesse uma consciência e uma construção da identidade maranhense como a entendemos hoje.

Esta cultura indígena e afro-brasileira persistente entre a população maranhense rivaliza com uma cultura erudita que se quer civilizadora e que impôs estratégias de reinvenção no seu próprio campo. Como, por exemplo, com o mito da Atenas Brasileira e daquele que difundiu que a capital maranhense foi fundada pelos franceses.

Barros afirma que, somente no século XX, se começa a falar sobre a fundação francesa da cidade de São Luís. Salienta que tal século foi também um período de grande influência da cultura francesa no mundo e no Brasil, sendo esse o momento propício para a invenção de tradições em São Luís (Barros, 2005).

Com isso, podemos dizer que a construção das identidades é perpassada por constantes processos de ressignificação e de redimensionamento. É necessário percebê-las como construções sociais e historicamente localizadas. (Barros, 2005, p.157) É dessa forma que vamos conseguir entender como se construiu uma identidade e cultura maranhense como a conhecemos hoje, envolvendo os mitos e “invenções” de tradições e que hoje fazem parte da vida e do cotidiano dos maranhenses.

Ainda com relação a aceitação das manifestações e a identidade cultural maranhense, Barros (2010, p.184), diz que essa relação é frequentemente apresentada com harmônica e natural, porém que “uma análise atenta desse fenômeno evidencia, em primeiro lugar, seu caráter histórico”, situando “que a identificação positiva de práticas culturais ditas populares ou negras com a identidade do Maranhão é relativamente recente, tendo iniciado sua consolidação sobretudo a partir dos anos 1930”. Enfatiza, sobretudo, que esse processo foi construído em meio a tensões e conflitos. Conflitos existentes ou inventados, esses sendo sociais e raciais.

Barros salienta, ainda, que nessa época o termo identidade maranhense tinha o mesmo sentido que “tradição maranhense”. Essa construção identitária foi elaborada pela visão da

elite letrada da capital, e que a “identidade maranhense – isto é, o processo por meio do qual o maranhense e o Maranhão são demarcados, definidos, negociados – parece ter sido modelada tanto nos caminhos da 'cultura' e da 'tradição' como nas trilhas do 'povo' e da 'raça'”. Afirma que “a definição de identidade maranhense, o processo de identificação dos símbolos vistos como 'adequados' para compor o quadro das 'tradições regionais’”, são os múltiplos meios através dos quais a região era vivida e representada. (2010, p.185)

Precisamos considerar nesse processo as políticas do Estado Novo eram, ao mesmo tempo, paternalistas e repressivas em relação as culturas popular e negra, “de “louvação” a “raça negra”, modelo de trabalhadores, mas também “de forte disciplinamento e perseguição a elementos das manifestações de cultura popular e negra”. Neste contexto, inicia-se a “institucionalização da ação do Estado brasileiro no campo da cultura”, buscando consolidar uma certa ideia de brasilidade imbricada na “tradição e origens populares”, bem como difundir a “representação da nação como democracia racial”, aspectos também influenciados pelos movimentos Modernista e Regionalista, este último “pensando encontrar nas 'obras do povo' os sinais de brasilidade comumente identificados com culturas e identidades afro-brasileiras”. (BARROS, 2010, p.187).

A partir dessas políticas governamentais, que ganham força nos anos de 1960, os próprios agentes locais administram o estado do Maranhão e se começa a pensar novas formas de promoção da região dentro da nação. Barros explica que o processo político e administrativo inaugurado pelo Estado Novo, valeu-se da “estruturação de máquinas administrativas nos estados, concedendo poder político a homens da região, e da ambivalente relação com o 'povo', para a promoção de novas formas de pensar regiões dentro da nação”. O caso do Maranhão sugere que “a partir de então, de modo cada vez mais frequente, intelectuais, políticos, jornalistas e artistas, e não somente os populares, passam a representar a região como popular e negra”, o que se amplia nas décadas seguintes. (2010, p. 188)

Com isso, a cultura popular e negra ganha força. A década de 1960 se apresenta como outro bom momento para refletir sobre isso. Em 1962, na “celebração oficial de comemoração do aniversário de 350 anos de São Luís”, na qual “louvavam-se, através de desfiles, encenações, recitais, pelas ruas e praças da capital, ao mesmo tempo, a origem francesa e ateniense da cidade e suas culturas de marca popular, mestiça e negra”. Outro exemplo disso foi à apresentação de um grupo de Tambor de Mina na sede do governo, em 1965, para o presente da República e o governador do estado. Segundo Barros, esses eventos podem ser

vistos como marcos de um novo cenário, no qual essa cultura “se reifica como estratégia de luta e embate”, que passam a ocupar também um lugar “instituído” (2010, p. 188), fato que potencializa seu poder de representação cultural e identitária mas não anula as conflitos, as exclusões e os preconceitos.

Pode-se dizer que o Maranhão cresce culturalmente com dois sentidos. O primeiro, fundado nas manifestações culturais e de religiosidade popular, mestiça e negra, agora instituídas como representação cultural e identitária do estado, o que, não obstante, não superou a ideia de ser uma herança perniciosa dos antepassados índios e pretos do povo maranhense. Em um segundo sentido, o Maranhão é reatualizado como sendo Atenas Brasileira e São Luís como única capital brasileira fundada por franceses, enfatizando uma cultura erudita, inclinada às letras, creditada aos poetas e intelectuais maranhenses que se destacam no plano nacional, que lhe imprime um sentido de singularidade e de destaque no todo nacional.

Nos anos de 1980, sobressaem os estudos de alguns historiadores motivados a entender os meios pelos quais as nações conseguiram tornar-se uma referência fundamental para constituição de sentimentos de pertença.

Dentre outras coisas, esses pesquisadores mostraram que comunidades nacionais – e, se poderiam acrescentar, as comunidades regionais – constituem fortes referenciais para a formação de identidades e contextos nos quais podem nascer ou se intensificar conflitos [...], por exemplo, demonstraram que o momento em que as sociedades passam por situações difíceis é propício para a invenção de tradições. (BARROS, 2010, p.190-191).

Por este viés, nota-se que cresce e se fortalece a consciência de que a identidade maranhense é construída por meio da (re)invenção das tradições e de uma “reificação” da cultura afro-brasileira. Contudo, Barros alerta para o fato de que as várias narrativas atuais acerca “dos homens e mulheres pobres e negros e de suas produções culturais e cognoscitivas no Maranhão não deveria escamotear ou esquecer” as perseguições e as violências cometidas, ao longo do tempo, contra aqueles “envolvidos com tambores, bumbas e outras práticas vistas como bárbaras e sinais do atraso da região” (2010, p.192). Isso porque, cumpre ressaltar sempre, a aceitação desta “herança” e sua instituição como representante da cultura e da identidade maranhense não se dá sem conflitos, se dá em meio a preconceitos raciais e sociais na região e que se projetam para fora dela, quando tratamos das migrações maranhenses, o que já foi apontado aqui pelos migrantes entrevistados.

Ressaltamos que a legitimidade político cultural e acadêmica que reveste essa identidade cultural maranhense nos dias de hoje, na qual elementos culturais de base indígena e afro-brasileira tem papel fundamental, não foi concedida, mas conquistada por meio de embates e resistências.

No panorama atual, a necessidade de (re)inventar essa tradição e assim (re)criar uma identidade maranhense, traz consigo as “heranças” de uma cidade-capital, São Luiz, cuja referência a uma origem francesa, que a embranquece e civiliza, e por uma cultura popular que ganha força e peso, por trazer em si traços de seus ancestrais índios e negros, de matriz popular, enraizada no cotidiano e referenciada em variadas estratégias de resistência.

Retomamos, portanto, Woodward, quando diz que diante da “complexidade da vida moderna”, as “experiências são vividas no contexto de mudanças sociais e históricas”, as quais configuram novas “políticas de identidade” que ressignificam questões como etnia, raça, gênero, relações familiares etc, produzindo “novas formas de identificação” (2012, p. 31) que vão reivindicar manifestações e práticas culturais que, num passado não tão distante, já foram interditas e reprimidas.

Na Festa “O Maranhão é Aqui”, as principais atrações representam as escolhas que, segundo Haesbaert, se encontram fortalecidas em seu território “de naturalidade”, em sentido concreto, e “em espaços de referência identitária a partir dos quais se cria uma leitura simbólica, que pode ser sagrada, poética ou simplesmente folclórica”, mas da qual emanam formas de apropriação “capazes de fortalecer uma identidade coletiva que, neste caso, é também uma identidade territorial” (2002, p. 149). Na Festa o Bumba-meu-Boi, o Reggae, a fogueira, as comidas típicas, configuram-se como formas de apropriação simbólica – estética, performativa, cultural – que apontam para formas de apropriação política, social e espacial que extrapolam os seus limites como festividade.

4. A FESTA O MARANHÃO É AQUI!

O Arraial dos Maranhenses ou a Festa “O Maranhão é Aqui!”, vem ganhando grandes proporções de público e de publicidade, e vem se tornando uma das festas populares mais conhecidas na cidade de Boa Vista. Como já mencionamos o Arraial começou em 2010, com a intenção de brincar o São João de forma simples e com objetivo de arrecadar fundos para a comunidade, mas que com a grande aceitação da comunidade participante ganhou novos objetivos.

Neste capítulo vamos trabalhar as sete edições da Festa, abarcando o período de 2010 a 2016, abordando o quê foi sendo modificado e o quê foi ficando mais forte. Observaremos principalmente nos convites que a divulgam e na fala dos migrantes entrevistados, a forma como veem a Festa e como se veem em relação a ela, visando configurar o que já foi apontado nos capítulos anteriores, isto é, a Festa como marcador de uma resistência e como um espaço de luta desses migrantes por reconhecimento e valorização na sociedade boa-vistense.

Levando em consideração os aspectos e manifestações culturais apresentados na Festa que fazem com que os migrantes revivam suas tradições e recordem suas brincadeiras, vão definindo, a cada edição, os elementos mais fortes dos dias de celebração, as toadas de bumba-meu-boi, a radiola de reggae, a culinária dos pratos típicos do Maranhão, tratados aqui como elementos simbólicos constituidores de identidade e de territorialidade. São esses elementos fortes que permanecem é que fazem a festa ser esse lugar de afirmação de identidade de marcação de territorialidade.

4.1 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS DA FESTA NAS SETE EDIÇÕES DA FESTA (2010-2016).

No Arraial dos Maranhenses, ao longo das suas sete edições, percebemos que há uma dinamicidade em relação aos elementos que permaneceram e a outros que foram ficando em segundo plano. Observamos que foram aos poucos os organizadores foram procurando destacar e evidenciar alguns elementos, considerados mais culturalmente definidores e mais

tradicionais do Maranhão, no processo de identificação dos maranhenses migrantes, de sua valorização como grupo e como pessoas, de acordo com os objetivos que levaram a criação Festa apontados nos capítulos anteriores.

Relacionado a isso, Pedro Costa avalia as mudanças ocorridas ao longo das edições da Festa.

O que mudou a meu ver foi a lógica da festa. Uma simples proposta de uma festa com um intuito de trabalhar a cultura maranhense se transformou em um verdadeiro ativismo, uma verdadeira militância, um verdadeiro processo de conscientização e mobilização desse grupo que realiza o arraial dos maranhenses da comunidade São Raimundo Nonato.²⁹

Na fala de Pedro Costa percebemos que o festejo foi se configurando como um espaço de luta, como um espaço de reivindicação, no qual a participação daqueles que a organizam seja configurada como “ativismo”, “militância”. Neste sentido, a Festa ganha um novo corpo em si mesma e em relação a outras que acontecem na cidade no mesmo período junino, a medida em que há um engajamento pessoal – como migrantes maranhenses estabelecidos em Boa Vista – e coletivo – como participantes da Comunidade Católica São Raimundo Nonato, como grupo social.

Como Costa afirmou em outros trechos já citados, para ele a Festa vem atingindo seu objetivo, ao expor a riqueza da cultura maranhense, ao provocar uma discussão acerca dos estigmas e demais formas de preconceito e exclusão. Para ele, o arraial cada vez mais se incorpora como espaço de luta, no qual os migrantes podem reivindicar causas relacionadas à aceitação e valorização da cultura maranhense e outras ligadas à vida no bairro e na cidade, que certamente extrapolam os limites da Festa.

Também foi possível observar que há uma maior consciência do papel dos organizadores e participantes diretos depois da realização da Cartografia dos Maranhenses, realizada junto aos migrantes maranhenses moradores do bairro Santa Luzia, na qual puderam participar de oficinas e outras discussões acerca de sua presença e existência no bairro e na cidade de Boa Vista. Na visão de Pedro Costa, essas atividades, de certa forma, impulsionaram uma mudança de consciência do grupo organizador.

²⁹ Pedro Lima da Costa. Entrevista realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – Cartografia dos Maranhenses no Bairro Santa Luzia, em 13 de julho de 2013.

É perceptível que houve uma mudança da equipe, do grupo após a Cartografia. Primeiro porque a Cartografia veio nos legitimar, ela veio nos (fazer) reconhecer a validade dos trabalhos e os ideais propostos pelo Arraial dos Maranhenses, então primeiramente é isso ela veio nos possibilitar e veio nos legitimar e veio dar validade dos nossos trabalhos. Então isso foi muito importante e ai surgiu também como forma teórica, como uma seta, como direcionamento no momento em que vem dizer que está correto porque às vezes nós fazemos isso na verdade meio que solto e tudo sem um ancoramento teórico, sem ter uma legitimidade em relação a isso, então eu acredito que o trabalho da Cartografia veio tipo nos direcionar. Porque a partir de então nós víamos as nossas ações, reconhecimento depois da Cartografia. Víamos nossas ações meio que soltas, e sem um respaldo e esse respaldo vem pelo trabalho acadêmico realizado pela Cartografia Social da Amazônia dos Maranhenses do Bairro Santa Luzia.³⁰

Tomando a avaliação de Costa, podemos afirmar que a Cartografia foi um elemento fundamental para que os migrantes se sentissem mais motivados para a realização da Festa. Este aspecto fica evidente nos textos que tratam das “Expressões culturais da identidade maranhense” e do “O Arraial dos Maranhenses”, constantes do fascículo que apresenta os resultados da Cartografia, intitulado *Os Maranhenses do Bairro Santa Luzia: cultura e identidade da Comunidade São Raimundo Nonato*, dos quais destacamos:

[...] no que diz respeito aos processos identitários, a população maranhense vem a cada dia se reinventando através de determinadas práticas. Estas consideradas cultura popular, vem sendo manifestadas através da brincadeira do Bumba meu Boi, da cultura do reggae, da culinária e das práticas de benzedura.

O objetivo norteador [do Arraial] foi a 'reinvenção' da cultura e a afirmação da identidade maranhense em Boa vista/RR. [...] O arraial tornou-se uma oportunidade para se recordar, viver e conhecer a cultura do nosso estado, homenageado nessa festa. (2014, p. 9).

Entende-se que o processo de construção da Cartografia, realizado entre os anos de 2013 e 2014, proporcionou um espaço de avaliação, reflexão e sistematização do que vinha sendo feito, oferecendo assim o “respaldo teórico” as ações do grupo, como diz Costa, dando legitimação e legitimidade para os seus objetivos e anseios e para a realização do Arraial. Na festividade estes elementos que seriam constituidores de uma identidade – contrastiva e relacional, na perspectiva de Hall (2005) – pois se sobressaem, ganham visibilidade, aparecem todos juntos e conjugados nos dois ou três dias da Festa. A ideia da “reinvenção” da cultura e, portanto, da identidade migrante conforta os maranhenses, conectando-os com o passado deixado para trás, mas que “reinventado” torna-se presente.

30 Pedro Lima da Costa, entrevista realizada em 16 de dezembro de 2017.

Neste processo, entendemos também que ao longo da realização das várias edições a organização começou a compreender qual seria o verdadeiro significado da Festa. Não seria o simples festejar, mas o mostrar-se, o reivindicar um lugar no mundo, usando para isso alguns elementos da sua cultura de origem, as toadas de bumba-meu-boi e as radiolas de reggae, por exemplo, considerados definidores e estratégicos para tal fim.

Interligados às essas mudanças que ocorreram no Arraial dos Maranhenses, podemos citar os novos agentes catalizadores da cultura maranhense no estado de Roraima. Pedro Costa cita-os:

[...] o Espaço Comuna do professor Franco³¹, o movimento da Reisada encabeçado pelo Mestre Zé da Viola e contemplado com a Catarina, o reggae principalmente e os agentes dos grupos de Bumba-meu-Boi de Alto Alegre, de Mucajaí e outros, e hoje o mestre Melancia.³²

Esses novos agentes ingressam na festa a partir do ano de 2015 e, aos poucos, novos grupos ligados à cultura maranhense vão sendo encontrados em Roraima, e sua participação na Festa aumenta a sua importância os migrantes nela envolvidos. Salienta-se que com a participação desses novos agentes, foi possível realizar, em dezembro de 2015, o I Encontro de Mestres da Cultura Popular de Matriz Maranhense. Nesse encontro foi possível “reviver” tradições maranhenses, pois se fizeram presentes às representações de bumba-meu-boi, com os grupos de Alto Alegre e Mucajaí e o do Mestre Melancia, de Boa Vista e, também o Seu Zé da Viola de Rorainópolis, com seu grupo de Reisada.

Ainda relacionado às mudanças que vem ocorrendo na Festa, examinamos os convites que são utilizados para fazer a divulgação. Neste caminho, verifica-se que ao longo das edições os convites foram ganhando novas formas, expondo e rearranjando os elementos mais significativos da cultura maranhense que se quer destacar na Festa. Verifica-se também que ao longo das edições alguns elementos que se mantêm e se destacam mais que outros, que passam a ocupar espaço secundário na programação gráfica do convite.

Começando pelo primeiro convite, do ano de 2010, observamos que é uma peça de divulgação simples, feita em computador e fotocopiada, como vemos abaixo. Nele não há

31 Professor Doutor José Carlos Franco de Lima, docente do Curso de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Roraima.

32 Pedro Lima da Costa, entrevista realizada em 16 de dezembro de 2017.

destaque de nenhum elemento cultural maranhense, estes são listados como atrações do Arraial, bem como de nenhuma imagem. No primeiro ano, como já vimos pelas palavras de seus idealizadores, o Arraial dos Maranhenses era uma forma de brincar e de arrecadar recursos para a Comunidade Católica São Raimundo Nonato, ainda que já se esboçasse o objetivo de combater o preconceito e de divulgar a cultura maranhense.

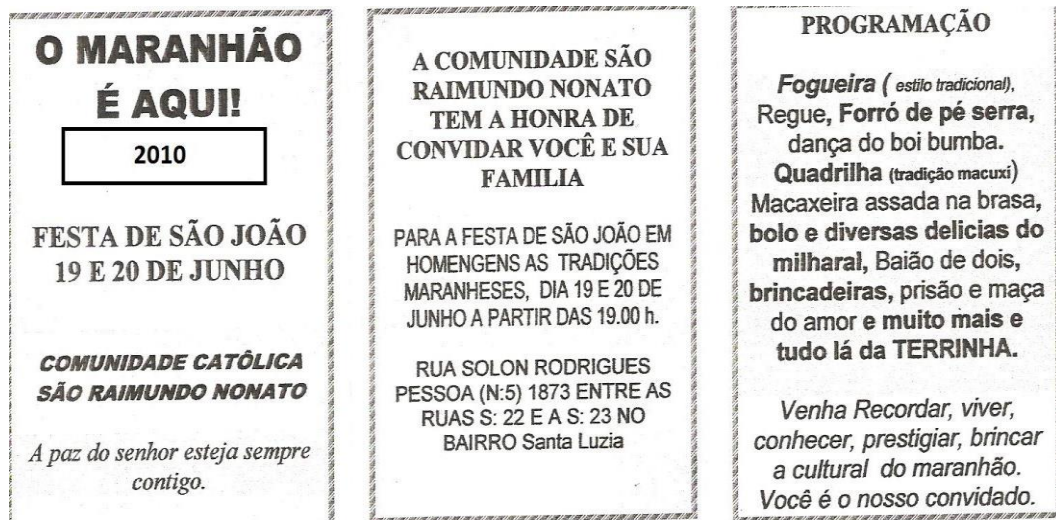


FIGURA 1: Convite do ano de 2010.

Acervo: Celene Farias de Sousa.

Observamos que dos elementos que aparecem no primeiro quadro, encabeça-o o slogan da festa “O Maranhão é Aqui!”, já fazendo notar o diferencial deste arraial. Como segundo elemento, não menos importante, consta que a festa é uma homenagem a São João, reforçando a vinculação com a Comunidade Católica, ao apresentar também uma saudação tradicional dos rituais católicos.

No segundo quadro, há uma vinculação direta entre a homenagem ao Santo, bem como às atividades da Comunidade e as tradições maranhenses, algo que já foi evidenciado por Pedro Costa em trecho citado anteriormente. O terceiro quadro, traz a programação na qual os elementos considerados “típicos” da cultura maranhense aparecem emaranhados a outros característicos e recorrentes das festas juninas. Não obstante, a lista de atrações se encerra, assim como o convite, com um chamamento para lembrar “a terrinha”, utilizando-se de vários verbos que expressam, ainda que sumariamente, que se pretende mais do que reviver e brincar, conectando-se diretamente com o título ou slogan da Festa, ou seja, que este arraial terá características maranhenses, que farão o migrante e os participantes sentirem que

terão “um pedacinho” do Maranhão durante o evento, configurando-se como um chamamento para a participação dos moradores do bairro Santa Luzia.

Sobre essa escolha para o período e o mote para a Festa, ainda que a Comunidade Católica que a sedia homenageie São Raimundo Nonato³³ – devoção que tem estreita ligação com a cultura popular maranhense – a escolha de homenagear São João também se liga à tradição e cultura maranhense, pois de acordo com Pedro Costa “o São João é a divindade que rege o Bumba-meu-boi”³⁴. Relacionado a isso Albernaz informa que no Maranhão há um slogan relacionado às festas de São João, o qual mostra o apreço dos maranhenses pelas festas juninas: “O Brasil tem muitas festas de São João, o Maranhão tem todas elas”. (2004, p.9). Ainda sobre isso, Reis (2003, p.53), fala sobre essa homenagem que se faz a São João, no dia 24 de junho.

[...] Esse santo é o responsável pelo título de ‘santo festeiro’, por isso no dia 24 de junho, dia de seu nascimento, as festas são recheadas de muita dança, em especial o forró. No nordeste do país, existem muitas festas em homenagem a São João [...]. Alguns símbolos são conhecidos por remeterem ao nascimento de São João, como a fogueira, o mastro, os fogos, a capelinha, a palha e o manjericão.

O primeiro convite expressa, portanto, os elementos fundadores da Festa, os quais vão se tornar mais evidentes no convite de 2011, como vemos abaixo:

33 “Raimundo Nonato é venerado no Nordeste brasileiro, considerado protetor dos vaqueiros, além de ser o patrono de obstetras e parteiras. As festas de São Raimundo Nonato acontecem durante todo o mês de agosto, culminando com o dia do padroeiro. No estado do Maranhão, também no mês de agosto, é comemorado outro Raimundo Nonato considerado santo: Raimundo Nonato dos Mulundus, um vaqueiro morto durante a lida do gado e considerado santo milagreiro pelos nordestinos. [...] não é santo reconhecido pela Igreja Católica, o que o leva a ser comemorado junto com o santo oficial. O vaqueiro, morto há mais de 200 anos, é santificado pela fé popular”. Ver: <https://www.calendariobr.com.br/dia-de-sao-raimundo-nonato#.WnoxxmnwbIU>. Sobre a devoção a São Raimundo Nonato no Maranhão e em Boa Vista e a fundação da Comunidade Católica que leva seu nome, ver: Maria Silva SOUSA (2016)

34 Pedro Lima da Costa, entrevista realizada em 16 de dezembro de 2017.



FIGURA 2: Convite do ano de 2011
Acervo: Celene Farias de Sousa.

No segundo ano, quando já se tem mais acertados os objetivos que se pretende alcançar com a festa, começam a surgir no convite simbologias que remetem à cultura e identidade maranhense de forma mais enfática, a partir de uma peça que contém basicamente as mesmas informações do anterior, porém mais bem elaborada, em cores e com figuras. Neste, porém, um elemento se destaca, a bandeira maranhense³⁵ como pano de fundo do convite, que usada como recurso gráfico acaba oferecendo uma leitura muito mais explícita da mensagem que se quer transmitir. A bandeira, de modo geral, é símbolo máximo de patriotismo e de marcação de pertencimento, e juntamente com a palavra “Maranhão” em destaque, delimita de forma clara o caráter da Festa, qual seja definir um “espaço” maranhense, evidenciando uma estratégia de demarcação de um território e de certa identidade. Lembramo-nos do que coloca Woodward, que a escolha de certos elementos simbólicos constituem a identidade, pois se revestem de uma essencialidade que remete a espaços, a origens comuns, completando que a identidade e, portanto, a diferença são estabelecidas “por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades” (2011, p.14).

Neste sentido, no convite de 2011 a fogueira também encabeça a lista de atrações, seguido do reggae e do forró pé de serra e do bumba-meu-boi, ressaltando que a presença do

35 As faixas da bandeira simbolizam a mistura de “raças” do povo maranhense: índio vermelho, português branco, africano negro. O retângulo azul simboliza o céu, a estrela branca de cinco pontas simboliza o estado como integrante da federação. Ela remete a estrela Acrab, que na bandeira nacional simboliza o estado do Maranhão. Fonte: <https://blogdopedrofernandes.wordpress.com/tag/bandeira-do-maranhao/>

bumba-meu-boi começa a ganhar espaço quando aparece também em forma de desenho. Há também uma referência à culinária maranhense, com uma frase chamativa que enfatiza que a Festa terá tudo e muito mais da “terrinhã”, marcada pela frase “e muita comida com óleo de coco babaçu”.

A frase que aparece ao lado da figura do boi, é um chamamento para todos mas em especial para os migrantes maranhenses: ativa-se uma memória das brincadeiras da “terrinhã”, que em muitos casos ficaram esquecidas quando se chegou a Roraima. O Arraial, então, é o espaço para dançar novamente o reggae, já que as radiolas de reggae tocam o ritmo durante toda a festa. Acontece também a passagem da fogueira, na qual se repetem as palavras: “S. João/S. Pedro/S. Paulo/ todos os santos apóstolos/ sirvam, aqui, de testemunhas,/ que fulano é meu padrinho...” (SERRA, 1965, p.105-106). A fogueira de São João tornou-se o simbolismo mais forte das festas de junho, principalmente no Maranhão. Reis nos ajuda a entender porque a fogueira encabeça a lista de atrações da Festa, quando explica:

Acender fogueira é uma das mais legítimas tradições das Festas Juninas, que remontam as datas longínquas [...]. [...] centenas de pessoas em São Luís e por todo o Estado do Maranhão elevam aos céus, em forma simbólica, incenso a São João. As fogueiras com seus raios luminosos incandescentes dão uma claridade a noite linda de São João nas diversas ruas, bairros, largo, praças e praias da capital maranhense. (REIS, 2003, p.61).

E em Boa Vista não se faz diferente. A Festa, concebida como prática social, tem na marcação simbólica “um meio pelo qual damos sentido às práticas e relações sociais” e as várias formas de diferenciação social (WOODWARD, 2011, p. 14), traz certos elementos que, na visão daqueles que a organizam, cumprem o papel de ser os mais característicos possível das tradições e da cultura maranhense. Para que o migrante se envolva e se sinta parte desse processo de (re)afirmação dessa identidade, no plano individual e coletivo, elencam-se certos elementos evocadores de uma origem comum, que remetem a uma identidade que se quer essencial, ainda que só exista de fato na diferença. Esta passa a ser a característica dos convites dos anos seguintes como veremos a seguir.

Observa-se através do convite de 2012, reproduzido abaixo, que a Festa começa a ganhar grandes proporções, a começar pela participação de patrocinadores, que até então não apareciam.



FIGURA 3: Convite de 2012
Acervo: Celene Farias de Sousa.

Este convite traz pela primeira vez um elemento visual que vai se repetir em todos os outros convites, até o último mostrado aqui, de 2016. Há um destaque para a figura de São João, que aqui aparece como pano de fundo do convite, desta vez marcando de forma mais explícita as origens da Festa, que envolvem toda uma mística espiritual de fé.

Esse aspecto também corrobora o profundo vínculo existente entre a Comunidade Católica São Raimundo Nonato, os moradores/migrantes maranhenses do bairro e adjacências e o grupo que capitaneia a Festa, como apontado no capítulo 2, do qual destacamos a fala de Zézinho³⁶, quando explica que há uma relação que une a “comunidade bairro” com a “comunidade igreja” desde a sua formação.

A existência de um grupo com fortes laços e práticas de organização comunitária que tem como ponto de referência a Comunidade Católica São Raimundo Nonato, influenciou e influencia a organização da Festa. Pedro Costa também marca isso: no “arraial dos maranhenses acho que a mística, a fé, ela é fundamental, por isso que nós não abrimos mão de

36 José de Ribamar Carneiro Silva. Entrevista realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia - Cartografia dos maranhenses no Bairro Santa Luzia, em 14 de julho 2013.

ser feito nesse período junino, é festa de São João e através disso toda a cultura maranhense é norteada no sincretismo religioso”³⁷.

Nesta edição da Festa aconteceu a inserção do Guaraná Jesus. Este, que é uma bebida de venda exclusiva no Maranhão, não podendo ser comercializada em outros estados, vem sendo vendida no Arraial a cada ano. A fala de Pedro Costa, citada no capítulo 2, conta como foi o processo da vinda do refrigerante nos dois primeiros anos, aspecto que também marca o caráter comunitário e a ação das redes, locais e externas, na viabilização de uma Festa cada vez mais maranhense.

No convite de 2013, se junta uma mistura de cores que dão vida à simbologia da Festa, que se encontra a cada ano mais forte. Isso é reconhecido por quem participa diretamente da organização da Festa, como Rejane Pereira³⁸

No primeiro evento, éramos uns 300 brincantes. Na 4ª edição contamos com 2.000 participantes. Já é a grande vitória pra nós e nos deixa felizes de ver que festa tem credibilidade no nível de Boa Vista e por que não dizer de Roraima, a cada ano. Antes ao falar do arraial dos Maranhenses se dizia, o que é isso. Por que os maranhenses vão fazer festa? Agora não!

37 Pedro Lima da Costa. Entrevista realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – Cartografia dos maranhenses no Bairro Santa Luzia, em 14 de julho de 2013.

38 Rejane Pereira Silva. Entrevista realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – Cartografia dos maranhenses no Bairro Santa Luzia, em 06 de outubro de 2013.



FIGURA 4: Convite de 2013
Acervo: Celene Farias de Sousa.

Isso pode ser observado, também no aumento do número maior de patrocinadores, fazendo com que se perceba que a Festa ganha maiores proporções e um público maior, o que faz com que tenha mais destaque e que as empresas se interessem a ajudar na sua realização. Isso reflete também, ao nosso ver, uma maior capacidade de articulação dos organizadores entre si e com a sociedade local.

Com relação aos símbolos expostos no convite, não há destaque apenas para um, mas para os quatro elementos que representam e dão vida à festividade. Na sequência de elementos identificadores da Festa, assume o primeiro plano a figura de São João, elemento religioso que permeia toda a festa, que traz a representação do chamado São João do carneirinho, que é seguido, respectivamente, das figuras da bandeira do Maranhão, do bumba-meu-boi e do reggae, dois elementos que foram ganhando destaque a cada edição da Festa. A eleição e o destaque de certos elementos buscam transmitir as características que seriam marcantes do Maranhão em detrimento de outros.

Neste sentido, a eleição e hierarquização destes elementos no convite pode ser vista como uma estratégia de identificação e, portanto, de marcação de uma diferença, aspecto que cada vez mais visível nos convites. Por outro lado, o processo de priorização destes elementos

é coletivo e, certamente, se dá no seio do grupo organizador. Este processo se daria por meio das redes que viabilizam a migração e, por tabela, a Festa, pois, como argumentam Gallo e Marandola Jr, “essas redes trazem mudanças significativas para o local de destino”, pois “nelas a bagagem cultural migrante interage com o local de destino resultando na recriação de símbolos que fazem parte da identidade desse, devido à sua forte significância” (2008, p. 4-5).

Percebemos que alguns elementos começam a desaparecer neste e nos convites seguintes. No de 2013, o slogan “O Maranhão é aqui!” já não aparece, assim como o “forró pé de serra”. Permanece dentre as cinco atrações listadas, dois elementos característicos dos festejos juninos em geral, a quadrilha e a fogueira, e três elementos que marcam a cultura maranhense, reggae, bumba-meu-boi e comidas típicas, dando destaque às simbologias que definem mais fortemente a “identidade” da Festa.

A ordem das atrações da Festa apresentada no convite de 2013 se repete nos convites das duas edições seguintes. Nos de 2014 e 2015, se destaca a presença de uma espécie de brasão que identifica o Arraial dos Maranhenses, composto por três elementos: a figura do São João do carneirinho, ladeada pela bandeira do Maranhão e de Roraima.



FIGURA 5: Convite de 2014
Acervo: Celene Farias de Sousa.



FIGURA 6: Convite do ano de 2015
Acervo: Celene Farias de Sousa.

Nos convites mostrados acima, observamos que as bandeiras do Maranhão e de Roraima, junto com a figura de São João, simbolizam a interligação entre os dois estados, a interligação entre o lugar de origem e de adoção promovido pela Festa. Pensando nas bandeiras como símbolos instituídos dos lugares e de pertencimento, sua apresentação no brasão aponta uma identificação da Festa com estes dois territórios, a partir do que nos diz Marandola Jr., que “identificar-se com um território implica tornar-se parte de determinados círculos sociais e redes de lugares e itinerários e partilhar um sentimento coletivo em relação a signos, códigos e práticas culturais”. (2008, p. 7)

Assim, podemos inferir que esta referência clara que interliga os dois lugares, Maranhão e Roraima, no brasão sinaliza a certeza que mesmo estando em outro estado não haveria “perda” da identidade e da cultura maranhense por parte do migrante, sendo a Festa um momento para (re) criar e reafirmar isso, momento e espaço de celebração e valorização. Significa também uma maior confiança acerca da apropriação e das formas de uso do espaço que vem sendo empreendidas pelos migrantes, configurando-se assim a funcionalidade da Festa como promotora de (re) territorialização.

O caráter lúdico da Festa é um dos seus trunfos. Observa-se nos dois convites acima que o brasão é cercado de fitas coloridas, em 2014 na vertical e em 2015, na horizontal, que são as fitas que os brincantes de bumba-meu-boi usam nos seus chapéus, fitas coloridas que enfeitam e dão movimento às toadas quando se começa a dança. Como nos diz Haesbaert, o aspecto lúdico da arte, da poesia e, diríamos nós, da Festa, rompe com a linearidade, o utilitarismo e a alienação, por meio do seu poder criador que, segundo o autor possui uma faceta revolucionária (2002, p. 147), o aspecto simbólico fundamental na produção das territorialidades.

Pode-se dizer que a Festa, depois de seis edições, já é um fato consumado, um evento consolidado no calendário de atividades da Comunidade São Raimundo Nonato, assim como na vida do bairro Santa Luzia. A esta altura, possui características bem definidas, construídas em um processo de aperfeiçoamento, no qual as ênfases em certos elementos demonstram que não se perdeu o norte em relação aos seus objetivos iniciais, agregando novas funcionalidades no processo de territorialização dos maranhenses em Boa Vista.

Esse aspecto é bem perceptível no ano de 2016, quando temos um convite em duas folhas (frente e verso), em que a festa ganha novas proporções e um acréscimo de dias.



FIGURA 7: Frente do convite da festa de 2016
Acervo: Celene Farias de Sousa.

**COMUNIDADE SÃO RAIMUNDO NONATO
E ASS. CULTURAL MARANHENSE DE RORAIMA
REALIZA: ARRAIAL DOS MARANHENSES 2016**

PROGRAMAÇÃO:

24/03 - 19:00h 2º ENCONTRO DE MESTRES DA CULTURA POPULAR
DE MATRIZ MARANHENSE, ABERTURA C/ CELEBRAÇÃO
- 21:00h SHOW DE REGGAE (RADIOLA TROVÃO DO SOM)

25/03 - 20:00h SHOW DE REGGAE (RADIOLA TROVÃO DO SOM)
- 21:00h QUADRILHA TRADIÇÃO MACUXI
- 22:00h GRUPO BUMBA MEU BOI BOA VISTA/RR (BOI ESTRELA DO VALE)

26/03 - 20:00h SHOW DE REGGAE (RADIOLA PODEROSA DO SOM)
- 21:00h QUADRILHA DE ALTO ALEGRE (XAMEGÃO)
- 22:00h BUMBA MEU BOI DE ALTO ALEGRE (DOURADINHO)

COMIDAS TÍPICAS DA GULINÁRIA MARANHENSE, OBS: TEMOS GUARANÁ JESUS

APOIO:

FIGURA 8: Verso do convite da festa de 2016 com a programação.
Acervo: Celene Farias de Sousa.

A festa de 2016 se inicia em uma sexta-feira, no dia São João Batista, a pedido do mestre Melancia, de Boa Vista. Como Pedro Costa nos conta “o pedido partiu do mestre Melancia do boi Estrela do Vale. E a gente queria sim caracterizar melhor o São João, que é a divindade que rege o bumba-meu-boi, e assim a gente dialogou primeiro, para ver a disponibilidade, mas acima de tudo, ver o sentido”³⁹

Então, como já mencionamos, São João é uma das divindades mais tradicionais do Maranhão e, de acordo com Reis (2003), “é a essa divindade que se pede bênçãos para as festas. É nesse dia que os bois são batizados sobre a proteção de São João, e no dia do santo a alegria é grande, é dia de festejar e brincar”.

Neste sentido, observa-se no convite acima que a figura do boi, personagem símbolo do bumba-meu-boi, aparece em destaque ao lado do brasão. O Boi vem se tornando o elemento mais forte da festa, por ser um icônico da cultura e identidade regional do Maranhão

39 Pedro Lima da Costa, entrevista realizada em 16 de dezembro de 2017.

e por ser uma manifestação cultural com fortes raízes religiosas e místicas, o que nos é explicado por Sanches, quando afirma que o bumba-meu-boi é “concebido, dançado e cantado em homenagem a santos católicos, mas, também, às entidades espirituais cultuadas nos terreiros de tambor de mina, umbanda, pajelança, entre outros” (2003, p.8), o que foi ressaltado por Pedro Costa na fala citada acima e, anteriormente, quando se refere ao “sincretismo religioso” que perpassa a cultura maranhense.

Por outro lado, podemos inferir que além da força do bumba-meu-boi como representação da identidade maranhense, ressalta-se que este vem sendo também um elemento que agrega grupos migrantes de fora de Boa Vista, como visto no capítulo 2. É também em torno do bumba-meu-boi que um novo movimento de valorização da cultura maranhense vem se estruturando em Roraima.

Na edição de 2016, aconteceu o II Encontro de Mestres da Cultura Popular de Matriz Maranhense, sendo o primeiro realizado em dezembro de 2015, na Comunidade Católica São Raimundo Nonato. Nota-se pelo espaço de apenas seis meses entre um Encontro e outro, a efervescência deste movimento. O II Encontro abre a programação, que agora não lista apenas as atrações, mas apresenta as atividades, nomeando-as e situando sua procedência: Show de Reggae (Radiola Trovão do Som), a Quadrilha Tradição Macuxi e a Quadrilha de Alto Alegre (Xamecão), o Bumba-meu-boi de Boa Vista (Boi Estrela do Vale) e o Bumba-meu-boi de Alto Alegre (Douradinho).

Assim sendo, percebemos por meio do exame dos convites que, durante as 07 edições da festa aqui estudadas, alguns elementos foram ganhando aos poucos mais destaque e sendo mais valorizados, enquanto outros foram sendo secundarizados e, nas últimas edições, deixados de fora da programação que consta do convite, ainda que não tenham sido banidos da Festa. Não é mais necessário dizer que lá vai ter comidas típicas, como o arroz de cuxá e aquelas regadas a óleo de babaçu, por exemplo, pois isso é fato sabido.

Todos esses elementos que vem ganhando centralidade na Festa ajudam a fortalecer a ideia de que ela é uma forma de territorialização dos maranhenses na cidade de Boa Vista. Esses elementos se arranjam de forma dinâmica ao longo das várias edições, rompendo com a ideia de que “o lugar, como o território e o próprio espaço”, está “associados à homogeneidade, ao imobilismo e à reação, frente à multiplicidade, ao movimento e ao progresso ligados ao ‘tempo’ ” (2004), movimento intrínseco às migrações”.

O Arraial já não pode mais ser visto como uma mera festa, mas como um lugar e um momento em que os maranhenses querem deixar mais nítido quem são de onde vem, e os convites mostram isso. O exame dos convites nos permite afirmar que o quê os organizadores verdadeiramente querem mostrar e buscar, é a Festa como um ponto de empoderamento e luta na trajetória dos migrantes que vivem em Roraima.

4.2 ARRAIAL DOS MARANHENSES PELOS MARANHENSES.

A festa “O Maranhão é aqui!” vem a cada ano se tornando uma das manifestações culturais mais conhecidas na cidade de Boa Vista. A festa condensa em torno de si elementos culturais e um conjunto de práticas lúdicas e simbólicas, cujo caráter dinâmico é perceptível a cada edição da Festa, e que se ressignifica através das memórias dos migrantes que a idealizaram e dela participam de forma direta.

Nesta parte final do trabalho abordaremos os significados que a Festa vem adquirindo para os migrantes entrevistados. Por meio de suas falas, trazemos memórias que nos ajudam a entender a Festa mas, acima de tudo, os elementos que a compõe. Conforme Souza (2007), o mais importante na abordagem da memória é concebê-la “como fenômeno social, como instância produtora de sentidos e de representações, como o espaço privilegiado onde o individual e o social, o privado e o coletivo, o passado e o presente se articulam, adquirindo significado único”. Segundo a autora, nas lembranças “é o presente que solicita o passado, que é construído e reconstruído incessantemente”, e o quê será contado nas entrevistas ganha forma mais pelo que “aí está” e do que pelo “que foi”. Essas lembranças são ativadas “pela necessidade que o indivíduo tem de compreender a si mesmo e pelas demandas, indagações e consciência atuais, ou seja, por uma variedade de estímulos externos”.

Neste aspecto, a fala de Zezinho⁴⁰ é bem significativa:

Mas quando a gente tá junto com os maranhenses, os costume não pode mudar [...] Mas esses costumes nossos a gente quando tá em comunidade ou só entre família a gente mantém da mesma forma como a gente era antes. A única forma também da gente se soltar e cair nos nossos costumes culturais também. Nossas raízes na verdade.

40 José de Ribamar Carneiro. Entrevista realizada em 15 de abril de 2017.

A partir desta concepção, consideramos a Festa um projeto de memória, em que memórias individuais e memórias coletivas dialogam, motiva, atualizam e suscitam o sentimento de pertença e coesão do grupo. A Festa é aqui entendida como este “estímulo externo”, demanda a rememoração para se realizar ressignifica um passado, tornando-se um momento em que o “lá” está presente no “aqui”. Nas entrevistas percebemos que a Festa se articula por meio de “um contínuo relacionamento solidário e interativo” (SOUZA, 2007) das memórias dos que a concebem e a fazem acontecer, o qual articula também o contexto migratório e cultural que liga o Maranhão e Roraima, que é reivindicado no slogan da Festa, “O Maranhão é Aqui!”.

Como já mencionado, o objetivo geral da Festa, quando ela começou em 2010, era justamente o de motivar os migrantes maranhenses que moram em Boa Vista a reviver sua cultura e tradições, e que, segundo alguns, acabam ficando adormecidas com o processo da migração. Como diz Luciete Sousa⁴¹ sobre o Arraial:

Ele é de certo modo pra resgatar as culturas que nós maranhenses estamos perdendo com a saída do nosso lugar, dos nossos interiores, a cidade grande já faz perder alguma coisa e o Arraial vem resgatar isso um pouco.

Neste sentido, Festa se legitima a cada edição, pois, como afirma Brandão “a festa quer lembrar! [...] ela quer ser a memória daquilo que os homens teimam em esquecer [...] é uma fala, uma memória e uma mensagem, em que cerimonialmente se separam aquilo que deve ser esquecido e aquilo que deve ser preservado, festejado” (1987, p.9-17).

A ativação desta memória do que “estamos perdendo”, é agente mobilizador e catalizador dos elementos que a cada edição da Festa se tornam mais representativos, no sentido identitário e territorial. Por meio dessas lembranças, também se promove uma certa “unificação” destas referências, que mesclam vivências, como as rurais e as urbanas, tendo em vista a origem dos migrantes de diferentes partes do Maranhão. Com a realização da Festa, ano após ano, as memórias “de lá” (re)vividas aqui tornam-na uma construção coletiva, uma reunião de memórias de cada sujeito articulador.

41 Luciete Marques Farias Sousa. Entrevista realizada em 13 de abril de 2017.

A memória dos migrantes maranhenses “guarda” em si muitas recordações e são dessas recordações que a Festa se origina. Como diz Rejane Pereira⁴²:

Eu considero importante por que na Festa nós podemos mostrar que aqui é o nosso ambiente. Aqui nós podemos fazer o que fazíamos como criança. Dançar bumba meu boi, dançar reggae, comer nosso arroz com cuxá sem nos preocupar com o que os outros vão falar. Então isso é muito importante.

A memória, assim, busca mesmo que de maneira involuntária lembranças, muitas vezes da infância. Principalmente, agrega aquelas recordações dos migrantes que já estão afastados há tempos do Maranhão, mas que mesmo longe delas sente falta e não os deixam esquecer-se de sua identidade.

Raimunda Nonata⁴³, que trabalha na organização da festa desde o início, menciona que o Arraial dos Maranhenses traz uma representação do Maranhão quando diz:

[...] representa sim uma parte do Maranhão, através dos materiais que a gente usa, que são tudo maranhense, então é um movimento, a gente tem que correr atrás de tudo, de todos os materiais, do refrigerante, do coco, azeite, leite de coco, a gente se sente no meio daquelas palmeiradas.

Raimunda traz um ponto importante quando fala dos materiais utilizados na Festa, sendo que essa é uma grande preocupação dos organizadores, deixá-la com as características específicas do Maranhão para que o migrante se sinta em casa verdadeiramente, se sinta de volta a “terrinha”. Isso se viabiliza por meio de uma reunião de memórias, cuidadosamente selecionadas, referências evocativas que tem como função dar sentido ao presente.

Cada migrante relembra algo que tradicionalmente o marcou no seu lugar de origem, em outros tempos, seja as toadas de bumba-meu-boi, sejam as músicas de reggae, seja uma comida com óleo de babaçu ou pequi, o arroz de cuxá ou o guaraná Jesus. Candau nos ajuda a entender isso, quando explica que a “memória propriamente dita ou de alto nível”, é fundamentalmente “uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédia (saberes, crenças, sensações, sentimentos, etc.)”, acrescentando que ela é “feita igualmente de esquecimento”. (2011, p.23).

42 Rejane Pereira Silva. Entrevista realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – Cartografia dos Maranhenses do Bairro Santa Luzia, em 06 de outubro de 2013.

43 Raimunda Nonata Gama do Nascimento. Entrevista realizada em 13 de abril de 2017.

São essas recordações, mediadas por esquecimentos, que formam as realizações e que selecionam os elementos identitários presentes no Arraial dos Maranhenses. O rememorar, dentro desta dinâmica de Festa, exige esforço de uma comunidade, onde cada um tem um papel para desempenhar, em que se discute coletivamente. Neste sentido, Pedro Costa e Luciete Sousa, explicam o processo de preparação de cada edição da Festa, e nos ajudam a entender isso:

E essa organização parte de 4 a 3 meses antes da festa e vai se aprofundando, são muitas reuniões, são muitos preparos, da confecção de bandeirolas até pensar nas posições das barracas. Agora o mais interessante é que isso é uma necessidade da Igreja, agora ele mesmo se custeia, um evento que recebe 5 mil pessoas, você tem que ter o que oferecer e uma estrutura mínima, então tem um gasto o evento por si só se mantém, se auto sustenta.⁴⁴

Começamos a trabalhar em abril desse ano para a festa em junho, e pensa que tá longe mais quando chega na hora percebemos que não foi, pensamos nas comunidades, em como trazer o guaraná Jesus. É importante como benefício para a comunidade que traz um conhecimento, pois levamos o nome da comunidade. Temos ainda problema financeiro, mais todos envolvimentos colaboram e também pedimos ajuda aos comércios. As organizações são feitas por equipes, eu faço parte da alimentação, corremos atrás das coisas, e no dia começamos cedo para que de noite possamos está com tudo pronto.⁴⁵

As tarefas, em sua dimensão material e simbólica, portanto, se viabilizam por meio de reuniões para a organização da Festa, onde se reflete, se (re) inventa, se (re) interpreta e ao final ganha forma o que vai acontecer. Sobre isso Brandão explicita que:

[...] excesso, contraste, celebração, memória, ruptura, reiteração simbólica da ordem, sucessão de opostos e justaposição, eis a matéria-prima da festa [...] Ora, qualquer que seja a situação simbólica e a intenção proclamada de sua realização, tudo o que ela tem para celebrar é a experiência da própria vida cotidiana. (BRANDÃO, 1987, p. 10).

Deste modo, podemos dizer que a Festa se molda a partir de uma “teia” formada pelas várias ações e memórias de vários sujeitos, como nos afirma Pedrazani, ao dizer que nessas “teias” de memórias, alguns sujeitos tem maior “poder de fixação do que irá imperar como memória assimilada” (2010, p.26). Esse fato é igualmente observado nos grupos de bumba-meu-boi, onde os mestres cumprem um papel crucial na comunicação da memória responsável por sua perenidade e manutenção. Ressaltamos que alguns irão puxar e

44 Pedro Lima da Costa. Entrevista realizada em 16 de dezembro de 2017.

45 Luciete Marques Farias Sousa. Entrevista realizada em 13 de abril de 2017.

coordenar, destacando-se no nosso caso a figura de Pedro Costa⁴⁶, como vemos nos trechos abaixo:

Graças a Deus que hoje a gente já conseguiu alocar vários outros segmentos da organização da cultura maranhense aqui no nosso estado [...] no caso é o bar do reggae, o movimento do reggae aqui na cidade de Boa Vista alavancado pelo nosso amigo Alfredo [...] a gente conseguiu descobrir que existe essa manifestação, na verdade ela é silenciosa, na verdade ela só não é respeitada e valorizada, porque nós já conseguimos catalogar o Bumba Meu Boi lá da cidade de Alto Alegre, do seu Raimundo Carinho, e agora já esse ano (2013) também descobrimos o movimento do Bumba-meu-boi ali na cidade de Mucajaí. [...] Qual é a conquista? Acho que catalogar e incentivar, e o arraial dos maranhenses está aqui e vão poder vir, brincar e reproduzir o seu folclore sem que seja taxado, sem que seja depreciado, aqui ele vai ter esse espaço.

O trabalho, todo mundo contribui, existe uma organização em tudo que você demanda, as pessoas não recebem nada por aquilo, as pessoas fazem por amor, é um trabalho voluntário e você exige um mínimo de organização. Então eu sou muito mais um animador que ajuda a manter a unidade do grupo.

E também podemos dizer que a festa “O Maranhão é Aqui!” exerce esse papel de difundir e transmitir memórias àqueles que participam e aos demais. Contar, transmitir memórias é uma forma de manter viva a identidade. Sobre isso Candau afirma que “a transmissão contínua de conhecimentos entre gerações, sexo, grupos etc. [...] para ser útil às estratégias identitárias, ela deve atuar no complexo jogo de reprodução e da invenção, da restituição e da reconstrução, da fidelidade e da traição, da lembrança e do esquecimento”. (2011, p.106).

Como já foi abordado no segundo capítulo, a identidade e a tradição maranhense foram “inventadas” e moldadas em contexto sociais e políticos que perpassados por certas das lutas e reivindicações identitárias. Referenciando-nos em Candau, podemos dizer que essa memória não pode ser vista como uma herança ou um legado, mas como uma estratégia de identidade, que ambiciona ser fiel a essa cultura e tradição. Sempre que um grupo de maranhenses se reunir em algum lugar que não seja o Maranhão e rememorar sua cultura e tradições, eles estarão ganhando um lugar no mundo. E nisso a memória tem importante papel, no processo de (re) construir nossas identidades.

Podemos perceber que quando o migrante não está em seu lugar natal ele procura por estratégias para não abrir mão de seus costumes, de suas tradições e de sua identidade. Por este viés, a identidade não será esquecida, mas conservada e lembrada, através da memória.

46 Pedro Lima da Costa. Entrevista realizada em 16 de dezembro de 2017.

Tal fato revela que o “que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo” (POLLAK, 1989, p.8).

Com relação isso, podemos também pensar a Festa a partir do que Cuche coloca sobre as estratégias de identidade:

[...] a identidade é vista como um meio para atingir um objetivo. Logo, a identidade não é absoluta, mas relativa. O conceito de estratégia indica também que o indivíduo, enquanto ator social, não é desprovido de uma certa margem de manobra. Em função de sua avaliação da situação, ele utiliza seus recursos de identidade de maneira estratégica. Na medida em que ela é um motivo de lutas sociais de classificação que buscam a reprodução ou a reviravolta das relações de dominação, a identidade se constrói através das estratégias dos atores sociais. (CUCHE, 2002, p. 196).

Sobre esse caráter estratégico exercido pela Festa, Luciete Sousa, Rejane Costa e Raimunda Nonata se posicionam:

Por que ele te identifica, enquanto muitos tem vergonha de dizer “eu sou maranhense”, a gente tem essa festa que tem o título O Maranhão é Aqui! e vem gente não só maranhense, mas de todos os lugares, é uma festa que está tomando proporções muito grande.⁴⁷

Eu não só ajudo aos outros maranhenses a reconstruir sua identidade, mas eu me reconstruo, reconstruo minha identidade. Vou conhecendo mais a minha cultura, um pouco mais das minhas raízes culturais. Isso me deixa feliz de poder ajudar, tá! De participar da organização do evento de cada ano. Ajudo na reconstrução da nossa identidade. A festa nos proporciona isso, reviver o que a gente vivia lá.⁴⁸

O título é importante sim, para ter um destaque né, primeiro o destaque da Festa é um nome, que as pessoas perguntam ‘tem um arraial dos maranhenses’ e se não tiver um nome para chamar a atenção, para anunciar ainda mais a nossa Festa, tem que ter esse nome.⁴⁹

Assim, podemos compreender o Arraial dos Maranhenses como estratégia de identificação, ao viabilizar a valorização da cultura e, conseqüentemente, contra os estigmas e preconceitos vividos pelos migrantes maranhenses na cidade de Boa Vista. E nele, os

47 Luciete Marques Farias Sousa. Entrevista realizada em 13 de abril de 2013.

48 Rejane Pereira Silva. Entrevista realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – Cartografia dos maranhenses do bairro Santa Luzia, em 06 de outubro de 2013.

49 Raimunda Nonata Gama do Nascimento. Entrevista realizada em 13 de abril de 2017.

elementos simbólicos e culturais presentes dão ênfase e sentido para esta e outras lutas sociais, como explica Pedro Costa⁵⁰:

E o arraial dos maranhenses é pra isso. Como é que eu posso reproduzir a minha identidade, a minha cultura, me identificar e me reafirmar como maranhense sem que eu não seja taxado nem depreciado? Então o Arraial dos Maranhenses vai servir, ele foi uma criação de um ambiente onde pode fomentar, favorecer essa manifestação cultural, essa manifestação dessa identidade e consequente essa reafirmação dessa identidade que é tão importante para a pessoa.

O Arraial dos Maranhenses tornou-se, assim, um espaço de enfrentamento e de lutas, os maranhenses, um espaço de empoderamento, no qual os agentes construtores da Festa se sentem, também, agentes da (re)afirmação dessa identidade, como quando Pedro Costa fala das mudanças percebidas ao longo das edições:

O que se percebe nessa mudança é principalmente o empoderamento, o que se percebe é que se chegou ao objetivo que no início muito ofuscado, muito difuso, mas que com o tempo eles foram ficando mais claro, mais objetivo, mais perceptível que foi a ação, a mobilização, a catalisação de grupos produtores da cultura maranhense, de certos folguedos, tipo Bumba-meu-boi, e outras manifestações que vem a ser o movimento do reggae.⁵¹

A rede de agentes vai aumentando e a Festa vai ganhando mais visibilidade e, portanto, também seus resultados do ponto de vista identitário e da construção de uma territorialidade maranhense em Boa Vista e em Roraima. Pedro Costa menciona esse fato em nas duas entrevistas usadas aqui. Em 2013, quando se refere às parcerias que movem a Festa:

Então essas parcerias, como por exemplo, com o movimento do reggae, que a parte que está no Arraial dos Maranhenses, ele é de fundamental importância, como pensar sobre a cultura o ritmo predominante se já tem o movimento e uma forma de fortalecer e chamar ele pro Arraial [...] também o pessoal do Bumba-meu-boi lá de Alto Alegre, do seu Raimundo Carinho, e agora lá de Mucajaí, da dona Mandina, e também outros grupos; os próprios empresários e comerciantes do próprio bairro Santa Luzia que na sua grande maioria são maranhense que possa também chamar.⁵²

50 Pedro Lima da Costa. Entrevista realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – Cartografia dos maranhenses do Bairro Santa Luzia, em 14 de julho de 2013.

51 Entrevista com Pedro Lima da Costa 16 de dezembro de 2017.

52 Pedro Lima da Costa. Entrevista realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – Cartografia dos maranhenses do Bairro Santa Luzia, em 14 de julho de 2013.

E, em 2017, quando explica que há um entendimento sobre “a necessidade de se criar uma associação” que tenha como objetivo central “valorizar e promover e incentivar a cultura maranhense aqui no estado de Roraima”:

[...] começa a somar forças e a gente, por assim dizer, redes que foram criadas, o pessoal de Alto Alegre, Mucajaí, agora recentemente o pessoal de Rorainópolis com as matrizes de Reisada e Dança do Coco e também com o pessoal do reggae.⁵³

Gallo e Marandola Jr., explicam que “migrar é sair do seu lugar, envolvendo processos de desterritorialização e reterritorialização, que não são necessariamente sucessivos nem ordenados”. Argumentam que processo de desterritorialização originado pela migração “se dá, em termos existenciais, pela saída do lugar-natal, o que implica deixar os lugares de infância, juventude ou idade adulta, responsáveis pela nossa formação enquanto pessoa e sob os quais está edificada nossa identidade”. (2009, p.2-3). O processo de migratório, de desterritorialização, portanto, é difícil, pois o migrante deixa de lado elementos e referências que foram e são responsáveis para sua formação enquanto pessoa. Raimunda Nonata⁵⁴ fala disso em sua entrevista:

Acho o Arraial dos Maranhenses uma festa muito boa, por também falar do Maranhão e unir os maranhenses. A gente fica um pouco disperso aqui, fica se escondendo, sei lá, fingindo não querendo ser maranhense, esquecendo que nós somos maranhense, que viemos da terrinha, e eu acho uma festa muito boa pra gente fazer uma confraternização dos maranhenses, se encontrar, celebrar, a nossa cultura.

Relacionado a isso, várias entrevistas coletadas apontam que o processo de reterritorialização do migrante maranhense em Boa Vista é atravessado pela vergonha, pela negação da identidade, pelos preconceitos, o que, segundo Gallo e Marandola Jr, não seriam “fatores de encorajamento” para “a identificação com o lugar”. Para que isso ocorra faz-se necessário que o migrante tenha um lugar fixo, em que possa se sentir bem, seguro e aliviado, sem incômodos e incertezas. (2009, p. 3).

Neste sentido, as falas dos entrevistados remetem a importância do Arraial dos Maranhenses como um espaço que lembra a “terrinha”, que combate a dispersão, o que justifica a sua existência, cuja função é de unir os maranhenses. Já não é mais preciso se

53 Pedro Lima da Costa. Entrevista realizada em 16 de dezembro de 2017.

54 Raimunda Nonata Gama do Nascimento. Entrevista realizada em 13 de abril de 2017.

esconder, pois há um espaço reivindicado e apropriado pelos maranhenses para ser o ponto de encontro da cultura, para brincar e viver sua cultura e reafirmar sua identidade.

O Arraial, concebido como espaço de segurança e de reafirmação da identidade, liga-se ao fato de que “o migrante é impulsionado a construir lugares com que se identifique”, buscando recriar “seus lugares para poder preservar a sua forma de ser, bem como, para reafirmar a sua identidade territorial” (GALLO; MARANDOLA JR., 2009, p.4). Pedro Costa⁵⁵ fala disso, quando menciona a situação de exclusão e de preconceito vivida por muitos migrantes maranhenses:

[...] a gente achou melhor tentar amenizar essa situação criando uma organização, tentando vender uma imagem positiva para alavancar a estima do indivíduo né? Por que quando a pessoa percebe... quando a pessoa perde sua identidade, ela nega aquela identidade ela tem umas consequências muito grande para o indivíduo né?

[...] Então o Arraial dos Maranhenses vai servir, ele foi uma criação de um ambiente onde pode fomentar, favorecer essa manifestação cultural, essa manifestação dessa identidade e consequente essa reafirmação dessa identidade que é tão importante para a pessoa.

Diante disso, Gallo e Marandola, citando Casey, afirmam que “não há lugar sem homem, nem homem sem lugar” (2009, p.3). Somos parte dos lugares a que pertencemos, assim como eles são nossos. Quando saímos para outro lugar deixamos parte de nós, mas também levamos muito deste lugar para onde vamos, pois como afirmou Luciete Sousa ⁵⁶, no trecho citado acima, o Arraial dos Maranhenses existe para resgatar a cultura que vem se perdendo “com a saída do nosso lugar”, constituindo-se, assim, como um lugar de encontro, de partilha e de mediação entre o “lá” e o “aqui”.

Percebemos, portanto, que mesmo longe de sua terra, os maranhenses encontraram um meio de se reunir, de reafirmar sua identidade, e para isso, como disse Luciete em sua entrevista, o slogan “O Maranhão é Aqui!” é muito importante. Além do bumba-meu-boi, do reggae e das comidas típicas, em algumas edições da Festa foram montadas barracas onde foram apresentados objetos considerados representativos do cotidiano maranhense, que reproduziam ambiente recheado de referências materiais e espaciais partilhadas, como vemos na foto abaixo.

55 Pedro Lima da Costa. Entrevista realizada em 16 de dezembro de 2017.

56 Luciete Marques Farias Sousa. Entrevista realizada em 13 de abril de 2017.



Foto 10: Barraca característica maranhense (2015)
Acervo: Celene Farias de Sousa.



Foto 11: Barraca característica maranhense (2015)
Acervo: Celene Farias de Sousa.

O slogan da Festa marca o lugar que os migrantes maranhenses almejam ocupar em Boa vista. Como Luciete aponta, as pessoas não tem medo de se identificar como sendo

maranhenses, no contexto da Festa perdem a vergonha e o medo de se assumirem migrantes maranhenses. E isso produz frutos, pois a trajetória do Arraial demonstra que a festa já tem participantes que não são maranhenses, e a cada ano verifica-se um aumento do público que a prestigia e, portanto, prestigia a cultura maranhense.

Rejane, Pedro, Luciete, Raimunda, dentre outros entrevistados avaliam positivamente a Festa, ao mencionarem que a festa atingiu seu objetivo central, questionar os preconceitos e estigmas sofridos pelos maranhenses na cidade de Boa Vista.

Rejane Silva é enfática e otimista quanto a isso, afirmando que a Festa é importante porque demarca um espaço. Como já citado anteriormente, ela avalia que “o preconceito tem diminuído devido essa Festa”, e que o Arraial “tem provocado essa mudança na visão que as pessoas de Boa Vista têm com relação aos maranhenses”, argumentando que.

Por que se nós maranhenses, estamos nos reunindo nossa cultura é importante e merecemos esse respeito. Pessoas que buscam se reconhecer, reconstruir identidades, a nossa identidade, eles merecem respeito mesmo. Ai nós assumimos essa postura de valorizar, de reconstruir a nossa identidade. Mesmo em outro espaço, bem distante do nosso estado.⁵⁷

Identificamos nas entrevistas cotejadas os três elementos principais que norteiam a existência do Arraial dos Maranhenses, preconceito, identidade e territorialidade. As falas de Pedro e Rejane citadas abaixo mostram bem essas três dimensões:

Para as pessoas advindas de lá [Maranhão] tem uma carga negativa, o maranhense consequentemente recebe essa carga negativa, e ele se torna depreciativo aqui na cidade de Boa Vista, e eu via isso como uma injustiça, por que não é somente essa coisa ruim, na verdade não é só lá, mas como em outras situações, como em outros estados as pessoas chegam aqui em busca de melhorias, consequentemente o Maranhão as pessoas que vem para cá, vem em busca de melhorias, mas o maranhense ficou com uma coisa muito negativa né?⁵⁸

[...] o arraial dos maranhenses é espaço de reconstrução da identidade. [...] Já é a grande vitória pra nós e nos deixa felizes de ver que festa tem credibilidade no nível de Boa Vista e por que não dizer de Roraima, a cada ano. [...] É vou pro Arraial dos Maranhenses porque também sou maranhense. Isso é enriquecedor. A gente se assumir enquanto maranhense mesmo. Como falei a cada ano as pessoas vão se soltando mais. A grande mudança é essa de se aceitar.⁵⁹

57 Rejane Pereira Silva. Entrevista realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – Cartografia dos maranhenses do Bairro Santa Luzia, em 06 de outubro de 2013.

58 Pedro Lima da Costa. Entrevista realizada em 16 de dezembro de 2017.

59 Rejane Pereira Silva. Entrevista realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – Cartografia dos maranhenses do Bairro Santa Luzia, em 06 de outubro de 2013.

Rejane marca bem a questão da diferença na constituição dessa identidade maranhense em Boa Vista, ao dizer do seu jeito que uma coisa depende da outra, lembrando-nos o que nos é colocado por Woodward (2012), por Hall (2011) e por Cucho (2002), que toda identidade é relacional. Da mesma forma, Pedro Costa⁶⁰ também ressalta isso, quando diz:

Então, quem vier para o Arraial dos Maranhenses vai encontrar, vai lembrar e vai se sentir mais a vontade. Eu acho que não é fazer uma referência em contraposição ao estado, mas na verdade é nós como referência de maranhense, nós podemos nos alocar e respeitar o estado que nos acolhe, mais assim mesmo sem perder essas referências. E de uma forma, como é que o estado de Roraima pode ganhar com isso? Com esse fortalecimento dessa identidade.

Para Woodward (2012), a construção da identidade se dá tanto de forma simbólica quando no contexto das relações sociais, pois são nelas que as diferenças são estabelecidas e formando os sistemas de classificação. Sendo assim, a identidade é sustentada por essa diferenciação e por essa exclusão, no nosso caso, quem são os maranhenses em relação à sociedade boa-vistense.

A fala de Rejane⁶¹ ressalta bem isso, ao afirmar a sua crença que a aceitação da cultura maranhense pelos boa-vistenses decorre da sua exposição na Festa: “ai, percebemos que as pessoas tinham curiosidade. Ao perceber que temos personalidades, artistas, escritores da nossa terra, as pessoas, você se sente orgulhosa! Essas pessoas são do Maranhão, eu também sou do Maranhão”. Segundo ela, antes estigmatizada, começa a ser apreciada como uma cultura rica e que merece respeito. Esse processo de identificação e diferenciação é resultante “de um processo de produção simbólica e discursiva”, no qual, como afirma Silva, “a afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais”. (2012, p.81).

A existência de um espaço identitário maranhense por meio da Festa, seria uma forma de marcação simbólica, de apropriação territorial, de (re) territorialidade. Como afirma Haesbaert, “para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva 'apropriação'” (2004, p. 1). Nas entrevistas, a Festa é vista pelos

60 Pedro Lima da Costa. Entrevista realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – Cartografia dos Maranhenses do Bairro Santa Luzia, em 14 de julho de 2013.

61 Rejane Pereira Silva. Entrevista realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – Cartografia dos maranhenses do Bairro Santa Luzia, em 06 de outubro de 2013.

maranhenses como uma estratégia de reversão de uma situação em que não há esse “privilégio”, principalmente quando mencionam os preconceitos, como diz Rejane:

Tenho a dizer que nós maranhenses, seja aqui em Boa Vista e em outros locais, que temos de nos sentir orgulhosos do que nós somos e que as condições sociais que vivemos, que e as dificuldades que passamos aqui em Boa Vista não só das nossas atitudes, são devido às nossas condições sociais que vivíamos e essa situação difícil nos coloca em situação de marginalidade, as pessoas nos veem de forma pejorativa.

Levando em consideração essa apropriação promovida pelo Arraial, percebemos que ela se torna necessária quando falamos de grupos migrantes, pois mantemos relações muito estreitas com os lugares que habitamos. Como nos diz Haesbaert (2004), a territorialidade só começa a fazer sentido quando damos significado para aquele espaço que ocupamos. E o Arraial dos Maranhenses é uma forma consciente e intencional de tomar posse de um espaço, de construir uma territorialidade, notadamente através de sua dimensão simbólica – que envolve cultura e identidade – mas que também ganha contornos políticos, principalmente quando observamos que a partir da Festa se expandem os horizontes de construção de uma territorialidade maranhense em Roraima.

Neste sentido, a fala de Pedro Costa⁶² é emblemática, quando se refere à construção de um movimento a partir do Arraial, que agrega grupos que se classificam como de “matriz maranhense”, o que já foi mencionado acima quando falamos sobre a realização do I e II Encontro de Mestres da Cultura Popular de Matriz Maranhense:

[...] na verdade é um conjunto de ações de trabalho o ano todo, por exemplo, um dos frutos dele foi a gente conseguir mapear os grupos culturais e folclóricos aqui do estado de matriz maranhense. Então a gente se deparou com um grupo de Bumba-meu-boi no final de 2012, época em que brincava mais de 20 anos e que vivia no anonimato. A partir de então a gente começou esse contato com o Bumba-meu-boi de Alto Alegre, quando foi em 2013, a gente se deparou com um grupo de Bumba-meu-boi na cidade de Mucajaí, eles eram conhecidos mas não estavam com aquela nomenclatura de matriz maranhense e através do trabalho ele começa a se despertar e a se reconhecer como maranhense. [...] a gente começa a se potencializar nesse processo de conscientização, de valorização de cultura maranhense. [...] Não é conhecer por conhecer é na verdade conhecer e se deparar com um trabalho como ferramenta de luta mesmo, de conquista.

62 Pedro Lima da Costa. Entrevista realizada em 16 de dezembro de 2017. Neste aspecto, também ressaltamos a importância da Cartografia Social dos Maranhenses do Bairro Santa Luzia neste processo, o que foi bem enfatizado nas entrevistas de Pedro Costa e Rejane Costa.

O Arraial dos Maranhenses requer dos sujeitos envolvidos um conjunto de ações materiais e simbólicas que agregam os participantes em torno do que consideram sua tradição e cultura para que estas não caiam no esquecimento, para que seja reconhecida. Observamos que esse movimento vem se projetando para além dos limites da Comunidade Católica São Raimundo Nonato – lugar de gestação e realização da Festa – e do bairro Santa Luzia – lugar de onde vem boa parte de seus idealizadores e organizadores.

Assim, mais do que um espaço/momento de expressão e de articulação das memórias retomadas e (re) vividas do grupo, o Arraial fortalece as relações entre os migrantes moradores de Boa Vista e o Maranhão, pois é nessas relações, bem como no seio daquelas vivenciadas em Boa Vista, que se ressignifica essa identidade que se vê sufocada e discriminada, na dimensão individual e coletiva. É nesse movimento dinâmico que a interliga o “lá” e o “aqui”, que se constroem e reconstroem os pertencimentos que constituem uma identidade e uma territorialidade maranhense em Boa Vista.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do estudo sobre e do Arraial dos Maranhenses percebemos que essa Festa já está consolidada como um espaço de agregação dos maranhenses que vivem no bairro Santa Luzia e arredores e da Comunidade Católica São Raimundo Nonato, um espaço e um momento para reviver e recriar sua identidade e tradição. Como um objeto de estudo em movimento, sabemos que a Festa ainda terá muitos desdobramentos, o que levará a novos questionamentos e, por conseguinte, a outras pesquisas.

Por este viés acredito que há uma grande relevância nesta pesquisa por ter fontes locais, que se renovam e ampliam a cada nova edição da Festa. Sendo assim, o trabalho que ora apresentamos tentou mostrar como os maranhenses em Boa Vista se articulam para fortalecer sua identidade e manter viva a sua tradição, o que, esperamos, leve a novos trabalhos sobre o tema.

Não obstante, compreendemos que, no estágio em que se encontra, o Arraial tornou-se uma forma de “apropriação” de um território maranhense em Boa Vista, de construção de uma territorialidade para homens e mulheres migrantes. É possível perceber isso nas falas do/as migrantes que dele participam e o organizam, principalmente quando relatam que a Festa tem conseguido atingir seu objetivo de enfrentar os estigmas e preconceitos vividos pelos migrantes maranhenses. Levando em conta que trabalhamos com entrevistas que tinham uma distância temporal entre si e que a memória é seletiva e ressignificada pelo presente, observamos que nas entrevistas de 2013/14 e nas de 2017, todos avaliam positivamente os efeitos da Festa, ressaltando que seus resultados continuam atendendo aos seus objetivos iniciais.

Entendemos que essa “apropriação” de território se dá não só pelo fato de o bairro Santa Luzia e adjacências ter uma grande concentração de migrantes maranhenses, mas também porque na Festa, a cada edição, os elementos considerados característicos dessa cultura e tradição se tornam mais fortes, o que destaca o seu papel como marcador identitário. Frisamos que esses migrantes utilizam a Festa como espaço para socialização e compartilhamento de memórias e de uma tradição, o que lhe confere também papel como espaço para autoafirmação de uma identidade maranhense, a partir do seu caráter lúdico, simbólico e material, aspecto indissociável nesse processo de apropriação.

Essa autoafirmação é vista durante a realização da Festa, nas apresentações dos elementos culturais que ali são expostos, como a culinária – arroz com cuxá, pequi, galinha caipira e azeite de coco babaçu –, a dança – bumba-meu-boi – e a música, que é o reggae. Verificamos que esses elementos ganham centralidade e adquirem um caráter definidor do Arraial a cada edição, por terem uma “força” identitária conhecida e reconhecida no Maranhão, a qual se projeta para Boa Vista.

Na Festa, a cada ano, esses elementos considerados “típicos” da cultura maranhense vão se tornando mais fortes e mais presentes, com destaque para o bumba-meu-boi. Em 2011, apenas um grupo fazia parte das apresentações culturais e, a partir de 2015, três grupos as integram, um de Boa Vista, um de Alto Alegre e outro de Mucajaí. Acreditamos que este fato desencadeou novos desdobramentos para a Festa, com efeitos claros para o fortalecimento da cultura maranhense em Roraima, não apenas durante os dias de sua realização, mas ao longo do ano, por meio do movimento que vem reunindo manifestações e práticas culturais de “matriz maranhense”. Isso vem fazendo com que a Festa não comesse e acabe apenas naqueles dois ou três dias, mas que se estenda por todo o ano.

Outro aspecto a destacar é a sua dimensão religiosa, que vimos no decorrer do trabalho. Além de estar sediada na Comunidade Católica São Raimundo Nonato, o Arraial tem como ensejo a homenagem a São João, que traz em si aspectos de mística e fé, pois é realizado no período junino em que se concentram festividades para alguns santos católicos algo marcante na cultura e nas tradições maranhenses, configuradas historicamente por forte sincretismo. Como exemplo mas claro disso, temos o bumba-meu-boi, uma manifestação que tem São João como patrono, que é definidora da identidade regional maranhense e que é perpassada por esse forte sincretismo, pois nele estão presentes as matrizes europeia, negra e indígena. Como vimos, isso explica o fato de que, a cada edição, o “Boi” venha se tornando o a principal atração do Arraial, o que demonstra caráter cada vez mais maranhense da festividade.

A Festa, com seu slogan “O Maranhão é aqui!”, funciona também como uma estratégia de identificação e de territorialidade, por ser uma forma de manobrar o preconceito vivido pelos migrantes e por ser um espaço de união e fortalecimento de laços culturais e identitários. Por outro lado, acreditamos que ao promover e valorizar esta identidade tanto pelos maranhenses como pelos demais, se tornou importante mecanismo de questionamento dos preconceitos e para repensar esta situação de inferioridade.

O Arraial é também um mecanismo de coesão social, uma espécie de “antídoto” contra a dispersão, contra a intimidação e o sentimento de inferioridade. Na Festa articula-se uma memória da “terrinha”, por meio dos elementos culturais considerados, por seu idealizadores e realizadores, como diferenciadores, “característicos” e “típicos”. E ressaltamos que são justamente esses elementos diferenciadores que atraem a sociedade boa-vistense para a Festa, um público mais diversificado a cada edição, que vai em busca do diferente, como, por exemplo, os aperitivos culinários, que não são encontrados no estado, como o Guaraná Jesus, o pequi, o arroz de cuxá e o azeite de coco babaçu, que trazem um “gostinho” maranhense para Boa Vista.

Como já dissemos, em uma migração a dimensão social, coletiva e existencial caminham juntas, aqui na constituição de uma territorialidade e de uma identidade maranhense em Boa Vista. Na Festa, se manifesta uma essencialidade idealizada, sonhada, em um contexto intrinsecamente relacional, ou seja, de ser maranhense em Boa Vista.

O que nos permite afirmar que por mais longe que os migrantes possam estar do seu estado natal, eles estão a todo o momento construindo, desconstruindo e reconstruindo sua identidade, que não é única e imutável, está sempre em construção. Assim, a Festa se articula ao cotidiano dos migrantes, como uma estratégia de existência, de resistência e de luta contra a intimidação, os preconceitos e formas perversas de exclusão social.

Podemos ainda considerar que a realização das sucessivas edições do Arraial, desde 2010, está promovendo mudanças no panorama sociocultural de Boa Vista/RR, demonstrado pelo aumento de público, de visibilidade na mídia e de patrocinadores. Vemos a Festa, portanto, como um elemento chave em um movimento de suma importância para os migrantes maranhense, tornando-se um espaço de luta e de empoderamento desse grupo social.

Com relação a isso, destacamos a politização da Festa, não no sentido político partidário ou eleitoral, mas como elemento mediador das relações de poder instituídas na cidade. Se coloca como um espaço de conscientização dos maranhenses, sobre seus direitos e deveres, e como espaço de aglutinação que fortalece os migrantes, nas dimensões social, coletiva e existencial, deixando de ser uma mera festa e passando a ser uma estratégia de empoderamento, social e individual, e de luta desses migrantes que moram em Roraima.

Entretanto, sabemos que a Festa não poderá romper com certas barreiras e que para que as coisas mudem será necessário mais que várias edições. Mas, mesmo assim, ela já

consegue mobilizar um grupo, que se expande a cada dia, para que se organize e lute para que haja o rompimento desse preconceito, para que haja reconhecimento e valorização da cultura e da identidade maranhense, para que esses migrantes não se sintam mais envergonhados, para que não neguem mais sua identidade.

Portanto, o Arraial é um espaço de reivindicação em vários sentidos, o que é possível verificar no decorrer das suas edições. Relacionado a isso, destacamos que a Festa aos poucos foi se transformando em um verdadeiro ativismo, que pressupõe envolvimento e mobilização, coletivo e individual, trabalho material e simbólico, como nos mostraram as entrevistas. Neste aspecto, reside seu papel estratégico na construção de um território maranhense em Boa Vista, ao se colocar como instância de apropriação material – ao mobilizar um espaço físico, trabalho, recursos econômicos – e simbólica – ao mobilizar cultura, tradições, memórias – dimensões indissociáveis para instituir esta territorialidade.

A Festa vem se mantendo porque os migrantes se sentem mais fortes e se engajam para que isso aconteça. Porque se mostra como um espaço marcadamente maranhense, onde se pode ir e brincar, relembrar e reviver a terrinha, mas onde se mostra também um movimento de valorização e de reconhecimento de ser maranhense em Boa Vista, onde se pode ser o que se é.

Acreditamos que o Arraial adquire cada vez mais centralidade no processo de afirmação de uma identidade e de uma territorialidade maranhense em Boa Vista. Neste contexto, nossa afirmação se fundamenta no entendimento de que os processos de migração se revestem de um dinamismo e de uma complexidade, cuja abordagem nos permite compreender a instituição de pertencimentos e de territórios, a (re)criação e ressignificação das identidades, enfim, as ligações que unem homens e mulheres aos lugares que habitam e habitaram.

REFERÊNCIAS

Fontes Orais

José Cícero, natural de Tuntum, porém a cidade em que nasceu fica mais próximo de Presidente Dutra. Saiu do Maranhão em 1994, veio primeiro e 10 meses depois trouxe a família. Sua família é composta de 06 filhos e sua esposa. Sua família reside no bairro Santa Luzia. José Cícero faleceu no ano de 2016.

José de Ribamar Carneiro Silva (Zezinho), natural de Barra do Corda, nasceu em 1966. Atualmente mora no bairro Santa Luzia, na capital de Boa Vista. Chegou em Roraima, no final de 1991 início de 1992, praticamente recém casado somente com um filho. Primeiro foi morar no sul do estado, em São Luiz do Anauá, mas depois de 1 ano e 7 meses veio para a capital.

Luciete Marques Farias, natural de Barra do Corda, no Maranhão, onde nasceu em 1966. Antes de migrar morava em Imperatriz de onde saiu em 1999 para Roraima, para onde veio com a família no ano de 1999. Reside no bairro Senador Hélio Campos.

Maria de Jesus Oliveira Sena, nasceu em 1939 em Açailândia. Veio para Roraima em 1993, sozinha e hoje reside no bairro Santa Luzia.

Pedro Lima da Costa, natural de São Luís, migrou para Roraima em 1998, quando tinha 16 anos de idade, veio com sua família. Depois de 10 anos em Roraima, em 2008, teve que retornar ao Maranhão e quando voltou para Boa Vista, em 2009, lançou a ideia de recriar as festividades do Maranhão com uma festa. Atualmente, reside no bairro Santa Luzia.

Raimunda Nonata Gama Nascimento é natural do município de Zé Doca, e nasceu na localidade de Chapadinha no ano de 1979. Saiu de lá ainda criança no colo de mamãe e diz que não conhece o lugar onde nasceu. Está em Roraima desde 1998 e mora no bairro Santa Luzia.

Rejane Pereira Silva, natural de Londrina município pequeno de Governador Newton Bello, na BR 136. Nasceu em 1983 e veio para Boa Vista quando tinha 13 anos, no ano de 2000, com a família. Reside atualmente no bairro Santa Luzia.

Vera Lúcia Rodrigues, veio de um lugar chamado Morro que faz parte do município de São Bernardo. Chegou a Roraima em 14 de janeiro de 1991, com a família. Reside em Boa Vista, no bairro Santa Luzia desde 1994.

Fontes Bibliográficas

ALBERNAZ, L.S.F. O “urrou” do boi em Atenas. Instituições, experiências culturais e identidade no maranhão. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. UNESP-FCLAS-CEDAP, v.7, n.1, p. 134-150, jun 2011.

AMARAL, Rita. Festa, festivais, festividades: algumas notas para a discussão de métodos e técnicas de pesquisa sobre festejar no Brasil. Anais do II colóquio festas e sociabilidades – (CIRS/CASO/CEFET) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 11 de setembro de 2008.

BARROS, Antonio Evaldo Almeida. O processo de formação de “identidade maranhense” em meados do século XX. Tomo. São Cristóvão – SE, nº 17, p. 183-231, jul./dez. 2010.

_____. Cultura e identidade no Maranhão estado-novista. III Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luís – MA, 28 a 30 de Agosto de 2007. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoE/c65b08e42e8bf3f7965eAntonio%20Evaldo%20Barros.pdf>

_____. “Acorda Ateniense! Acorda Maranhão!”: Identidade e tradição no Maranhão de meados do século XX (1940-1960). Ciências Humanas em Revista – São Luís, v.3, n. 2, Dezembro de 2005.

_____. Invocando deuses no templo ateniense: (re)inventando tradições e identidades no Maranhão (1940-1960). Revista Outros Tempos. Vol. 3, p.156-181.

BARROS, José D’Assunção. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. Mouseion, vol.3, n.5, Jan-Jul, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Introdução. In. FERREIRA, Cláudia Márcia. Festas Populares Brasileiras. São Paulo: Pioneira, 1987.

BURKE, Peter. Cultura popular na Idade Moderna – Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

CARTOGRAFIA da diversidade e promoção dos direitos das populações vulneráveis: os maranhenses do bairro Santa Luzia: cultura e identidade da comunidade São Raimundo Nonato. Coordenação geral do projeto Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Elizabeth Acevedo Marin. Manaus: UEA Edições, 2014.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CANDAU, Joel. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2011.

CUCHE, Denys. A noção de culturas nas ciências sociais. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

COSTA, Rogério. Reggae: de tesouro da Jamaica a ritmo de popularização no Maranhão. III ENECULT: Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador – Bahia, maio de 2007.

COMPLEXO Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão. Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Luís: IPHAN/MA, 2011.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, Dourados, MS, v.13m n.24, p.15-19, jul/dez, 2011.

DESCONSI, Cristiano. A marcha dos pequenos proprietários rurais de migrantes sul do Brasil para o Mato Grosso. Rio de Janeiro: E-papers, 2011. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=comdocman&task=docview&gid=8096&Itemid=76>.

DUVIGNAUD, Jean. Festas e civilizações. Tradução de L.F. Raposo Fontenelle. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

FERREIRA, Heridan de Jesus Guterres Pavão. Entre o profano e o sagrado: práticas religiosas que sacralizam o bumba-meu-boi. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (Des)Igualdades. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

FERREIRA, Carla George Silva; SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. Festejar com fé: o bumba-meu-boi maranhense uma cumplicidade com São João. In: *Revista Brasileira do Caribe*. Salvador, 2008.

GENNEP, Arnold Van. Os ritos de passagem. Tradução de Mariano Ferreira. Apresentação da Matta. Petrópolis: Vozes, 1997.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11 ed. Rio de Janeiro: DD&A, 2011.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, 22 (2), jul/dez, 1997, p. 15-46.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis; RJ: Vozes, 2012.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre, Setembro de 2004. Disponível: <http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>.

_____. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

_____. Territórios Alternativos. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

JUNQUEIRA, Marili Peres. Nas entrelinhas dos jornais: cotidiano do imigrante italiano na imprensa de São Carlos (1880-1900). Encontro Nacional da ANPCOCS, 2012.

LUCENA, Célia Toledo. Trajetória de migrantes: reconstrução de identidades e “invenção de tradições”. Cadernos CERU, série 2, n. 10, 1999. Disponível: <http://www.revistas.usp.br/ceru/issue/view/5797>.

_____. A festa (re) visitada: (re) significação e sociabilidades. Disponível: http://www.fflch.usp.br/ceru/anais/anais2008_1_ceru06.pdf.

LIMA, Luiz Cruz; VALE, Ana Lia Farias. Migração e mudança social: a influência do migrante do sertão nordestino no norte do Brasil. **Revista eletrônica de geografia e ciências sociais**. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-82.htm>.

MAIA, Leandro Rui. Migração e rede de relações sociais em meio urbano. Revista de Demografia Histórica, XX, I, 2002, pp.53-80. Disponível em: <https://www.adeh.org/?q=es/system/files/Revista/ADEH%202002-1/Leandro%20Maia%20p.53-80.pdf>

MARANDOLA JR, Eduardo; GALLO, Priscila Marchiori Dal. Ser Migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. VI Encontro Nacional sobre migrações, Belo Horizonte – Agosto de 2009. Disponível: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/6EncNacSobreMigracoes/ST3/Marandola_2.pdf. Acessado em 23/11/2013 as 21h15

MARQUES, Francisca Ester de Sá. Mídia e experiência estética na cultura popular: o caso do Bumba-meu-boi. São Luís: Imprensa Universitário UFMA, 1999.

MARTINS, Dora; VANALEI, Sônia. Migrantes. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MONDARDO, Marcos Leandro. Raízes na migração: Des-Re-Territorilização e Redes Sociais. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mondardo-raizes.pdf>

NOGUEIRA, Francisco Marcos Mendes. “O Maranhão é Aqui”: territorialidades maranhenses na cidade de Boa Vista/RR (1991-2010). Boa Vista, 2015. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira, 2015.

NUNES, Francivaldo Alves; SILVA, Bruno de Souza. Colonos Maranhenses e vida rural no interior do Pará, décadas de 1970-80. Revista Observatório. Vol. 2, Especial 1, maio, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p79>.

OLIVEIRA, Elisa Guimarães. Educação a distância paradigmática. Campinas, SP: Papirus, 2003. (Coleção Magistério: Formação do trabalho Pedagógico).

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. 5. Ed. São Paulo, Brasiliense, 2006.

PEDRAZANI, Viviane. No miolo da festa: um estudo sobre o Bumba-meu-boi do Piauí. 2010. Tese (Doutorado em História Social), Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2010.

PENNA, Maura. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, Inês (Org.). Língua (gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, São Paulo: FAPESP, 1998, p.89-112.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

POLLAK, Michel. Memória e identidade Social. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992.

REIS, José Ribamar Sousa dos. Bumba-meu-boi: o maior espetáculo popular do Maranhão. 3ª Ed. São Luís, 2000.

_____. São João em São Luís: o maior atrativo turístico-cultural do Maranhão. São Luís: Aquarela, 2003.

RODRIGUES, Selma da Glória Guerreiro. A contemporaneidade da gastronomia ludovicenses: (Cuxá) X BigMac/Mac Donald na cultura, identidade e tradição. Revista Cambiassu, Publicação científica do departamento de comunicação Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Luís – MA, Ano XVIII, nº 4 – Janeiro a Dezembro de 2008.

SALIM, C.A. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In *VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Anais. 1992. São Paulo: ABEP. v.3, p.119-144.

SANTOS, Carlos. Território e Territorialidade. Revista Zona de Impacto. ISSN 1982-9108, VOL, 13, Setembro/Dezembro, ano 11, 2009.

SANCHES, Abmalena. É de fé e devoção o brinquedo da ilha: a religiosidade no bumba-meu-boi. Boletim nº 26 da Comissão Maranhense de Folclore. Disponível em: <http://www.cmfolclore.ufma.br/x/boletim26.pdf>

SANTOS, Saulo Ribeiro dos; RIBEIRO, Geyza Antônia de Souza; SANTOS, Protásio César dos; MORAES, Josenilde Cidreira Dorneles de. Percepção dos ludovicenses sobre a identidade cultural da cidade de São Luís (MA). Anais do VII Seminário de pesquisas em turismo do Mercosul, 17 a 17/nov, 2012.

SAQUET, Marcos Aurelio; MONDARDO, Marcos Leandro. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. Revista NERA, Presidente Prudente, ano 11, nº 13, p. 118-127, Jul-dez, 2008.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento de Roraima. Informações Socioeconômicas do Município de Boa Vista – RR, 2012. 2ª Ed. Boa Vista: CGEES/SEPLAN – RR, 2012. 67p. Disponível em <file:///C:/Users/Selene/Downloads/INFORMACOES%20SOCIOECONOMICAS%20DO%20MUNICIPIO%20DE%20BOA%20VISTA.pdf>

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento de Roraima. Roraima: Indicadores Gerais – 2012. 1ª ed. Boa Vista: CGEES/SEPLAN – RR, 2012. Disponível em: file:///E:/textos%20mandados%20pela%20Carla/Roraima_-_Indicadores_Gerais_2012.pdf

SILVA, Daniel Antonio Coelho. As experiências e a reconfiguração das identidades dos migrantes maranhenses em São Gotardo – MG. Revista Brasileira de educação e cultura. Nº XII, Jul-Dez, 2015.

SILVA, Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis; RJ: Vozes, 2011.

SILVA, Rejane Pereira. Macumbeiros! Estigmas vividos por codoenses em Boa Vista – RR. Boa Vista, 2012. Monografia (Graduação em Sociologia), Universidade Estadual de Roraima, 2012.

SOUSA, Celene Farias de. A autoafirmação da identidade maranhense através da festa “O Maranhão é Aqui!” comunidade São Raimundo Nonato, Bairro Santa Luzia, Boa Vista – RR (2010-2013). Boa Vista, 2014. Monografia (História). Universidade Federal de Roraima, Boa Vista – RR, 2014.

SOUSA, Maria Silva. Ressignificação da cultura maranhense no festejo de São Raimundo Nonato no bairro Santa Luzia em Boa Vista/Roraima. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Sociedade e Fronteira). Boa Vista/RR, Universidade Federal de Roraima, 2016.

SOUSA, Celene Farias de. SOUZA, Carla Monteiro de. Maranhenses em Boa Vista/RR: uma discussão sobre motivações e inserções. In: SOUZA, Carla Monteiro de. (Org.) Migrações e outros deslocamentos na Amazônia Ocidental: algumas questões para o debate. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

SOUSA, Ronison do Nascimento. Garimpo e migração em Roraima na década de 1980: implicações socioeconômicas e demográficas. Boa Vista, 2015. Monografia (Graduação em História), Universidade Federal de Roraima, 2015.

SOUZA, Carla Monteiro de; SILVA, Raimunda Gomes (org.). Migrantes e migração em Boa Vista: os bairros Senador Hélio Campos, Raiar do Sol e Cauamé. Boa Vista: UFRR, 2006.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. A herança dos descaminhos na formação do Estado de Roraima. São Paulo, Universidade de São Paulo/Reginaldo Gomes de Oliveira. São Paulo. Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, 2003. (tese de doutorado).

TOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração. Revista brasileira de História, São Paulo, v.22, nº44, pp.341-364, 2002.

VALE, Ana Lia Farias. O “Ceará” em Roraima– migrações de cearenses: 1980-1999. Dissertação de mestrado (Mestrado em Geografia). Fortaleza/CE, Universidade Federal do Ceará, 2001.

VALE, Ana Lia Farias. Migração e territorialização – As dimensões territoriais dos nordestinos em Boa Vista – RR. Tese de doutorado (Doutorado Geografia). Presidente Prudente/SP, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2007.

VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

VERAS, Antonio Tolrino de R.; ARAUJO, Rosilene Nogueira de; TAVARES JUNIOR, Stélio Soares; PEREIRA, João Theófilo Rocha. Políticas públicas e poder local em Roraima. Estudo de caso: Conjunto Cidadão. XII Encontro da Associação Nacional de pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional. Belém – PA, 2007.

VIANA, Raimundo Nonato Assunção. O bumba-meu-boi como fenômeno estético. Tese de doutorado em educação. RN, 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis; RJ: Vozes, 2011.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E FRONTEIRAS
MESTRADO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS – PPGSOF

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Em duas vias, firmado por cada participante da pesquisa e pelo pesquisador).

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação.” (Resolução nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde).

Eu, **Celene Farias de Sousa**, aluna regularmente matriculada no Mestrado em Sociedade e Fronteiras – PPGSOF/UFRR venho por meio deste convidá-lo (a), como voluntário, a participar da Pesquisa **“Arraial dos Maranhenses: identidades e territorialidades dos maranhenses em Boa Vista/RR”**, a qual tem como objetivo analisar a festa “O Maranhão é Aqui!”, que acontece no bairro Santa Luzia, em Boa Vista – RR, configurando-a como elemento de valorização da identidade e da cultura maranhense no processo de territorialização desses migrantes.

Sobre a pesquisa vão as seguintes informações:

- 1.A participação é voluntária. Caso você aceite participar da pesquisa, você gravará entrevistas por meio de gravador digital.
- 2.Apenas o pesquisador e orientadores envolvidos neste projeto terão acesso às informações prestadas.
- 3.O conteúdo das entrevistas (total ou parcial) será utilizado apenas para uso cultural e científico (artigos, papers, revistas, livros, dissertações, tese). Todas as informações prestadas serão devidamente respeitadas quanto à sua autoria.

4. Cada processo do trabalho será informado e esclarecido, o objetivo é de não gerar riscos ou prejuízos de qualquer espécie em virtude de desconfortos, riscos morais ou constrangimentos que poderiam ser provocados pela pesquisa. Assim, dou a garantia de que o interesse é científico sem intenção de promover ou macular a imagem de quem quer que seja.

5. Não há nenhum fim lucrativo para a sua participação na pesquisa, tendo a pretensão apenas de desenvolver o trabalho de pesquisa. Sendo assim, sua participação será espontânea e gratuita. Informo, ainda, que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma. Pode, também, fazer qualquer pergunta sobre a pesquisa.

6. Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e aceitar participar do estudo, solicito a assinatura do mesmo em duas vias ficando uma em seu poder.

Estou ciente de que sou livre para recusar e retirar meu consentimento, encerrando minha participação a qualquer tempo, sem penalidades.

Estou ciente de que não haverá formas de ressarcimento ou de indenizações pela minha participação no desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, sei que terei a oportunidade para perguntar sobre qualquer questão que eu desejar, e que todas deverão ser respondidas a meu contento.

Participante: _____ RG Nº _____

Pesquisador: _____

Data: ____/____/____.